

Interferência ilegítima e ilegal

Valeixo confirma que Bolsonaro tentou ter a “afinidade” da PF

Reprodução mídia social



Anitta questiona Regina Duarte sobre ditadura e pouco caso com as mortes

A cantora Anitta cobrou respostas de Regina Duarte após a entrevista da secretária da Cultura de Jair Bolsonaro na CNN Brasil, na última quinta-feira (7). Em uma mensagem no Instagram, a cantora condenou a postura da ex-atriz, que tripudiou de mortes na ditadura, relativizou o impacto do coronavírus e minimizou seu papel ao mencionar mortes de artistas durante a pandemia. “Se recusar a ouvir uma opinião contrária logo depois de enaltecer os tempos de ditadura me causa muito medo. Até porque eu e muitos dos meus amigos seríamos os primeiros censurados”, escreveu Anitta no Instagram. **Pág. 4**



Ameaçou quebrar a independência de ação necessária à PF

O ex-diretor-geral da Polícia Federal (PF), Maurício Valeixo, confirmou nesta segunda-feira (11), em depoimento na sede da PF do Paraná, que Jair Bolsonaro tinha a intenção de afastá-lo da direção da Polícia Federal mesmo sem ter nenhum moti-

vo técnico para fazê-lo. Valeixo informou que Bolsonaro queria alguém com “afinidade” na Direção-Geral da PF. O presidente insistiu na indicação de Alexandre Ramagem, íntimo da família, no cargo, em substituição a Valeixo. Seu intento só não se concretizou porque o STF barrou a indicação. **P. 3**

“Morte de milhares de brasileiros parece não afetar o presidente”

Conclusão de economistas no debate feito pelo Observatório da Democracia

Marcelo Seabra - Ag. Pará

O Observatório da Democracia, reuniu, na sexta-feira (8), o professor titular da Unicamp Luiz Gonzaga Beluzzo, o ex-Diretor no Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Ricardo Carneiro, e o professor e o diretor do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica do IE/Unicamp Guilherme Mello, para debater “A pandemia e saídas para a economia”. O Observatório é formado pelas fundações de uma frente de partidos que reúne PDT, PSB, PCdoB, Cidadania23, PT, Psol, PROS. **Página 2**

Em ato vazio no DF, bolsonaristas fazem tiro ao alvo em autoridades

Manifestantes em número reduzido se aglomeraram na Praça dos Três Poderes em Brasília no sábado (09) para mais uma vez pedir o fechamento do Congresso, do STF e a cassação dos governadores. Além de Maia, Alcolumbre, Doria, Toffoli, Moraes e outros membros do STF, desta vez o ódio maior esteve dirigido ao ex-ministro da Justiça Sérgio Moro. **Pág. 3**



No primeiro dia de autuações para garantir o lockdown, 60 multas foram aplicadas no Pará. Na foto, Belém

S. Paulo faz novo rodízio e Pará multa desrespeito ao lockdown

Enquanto a cidade de São Paulo iniciou nesta segunda-feira um novo rodízio, não permitindo a circulação de metade dos carros todos os dias, o Pará começou a multar aqueles que insistem em desrespeitar a quarentena total (lockdown). No Rio de Janeiro, mais de 400 pessoas aguardam vaga em leitos de UTI. Ao mesmo tempo, mais de mil leitos nos hospitais federais da cidade estão sem uso por falta de médicos e enfermeiros. Em Niterói e São Gonçalo, que fazem parte do Grande Rio, as prefeituras decidiram também entrar em lockdown. **Página 4**

FFAA homenageiam heróis antifascistas da FEB, nos 75 anos

“Hoje, celebramos, honramos e agradecemos aqueles que contribuíram para o triunfo da democracia”, diz a ordem do dia divulgada pelas Forças Armadas nos 75 anos da vitória contra o nazi-fascismo. **Página 3**

Governo ainda não pagou a 12,4 milhões a ajuda emergencial que Congresso criou há mais de 1 mês

Após mais de um mês, 12 milhões e 400 mil brasileiros ainda esperam que o governo pague a primeira parcela da “ajuda emergencial” criada pelo Congresso. Esse número inclui apenas aqueles que não conseguiram concluir o cadastro. Outros 26 milhões e 100 mil foram considerados “ineligíveis” para obter o mínimo durante a quarentena. **Pág. 5**



Marqueteiros de Bolsonaro copiam lema de Auschwitz

Foto:Valter Campanato/Agência Brasil



Secretário da Fazenda de São Paulo

“O que afeta a economia é a pandemia, não é a quarentena”, diz Meirelles

O secretário da Fazenda do Governo de São Paulo, Henrique Meirelles, afirmou, em coletiva à imprensa na sexta-feira (8), quando do anúncio da ampliação da quarentena no estado até 31 de maio pelo governador João Doria, que “existe um equívoco que está permeando diversos setores de opinião no Brasil, de que o isolamento social ou quarentena, ou ainda o distanciamento social, qual o nome que se dê, está causando a crise econômica”. Para o ex-presidente do Banco Central, “ao contrário, a crise é causada pela pandemia. Isso parece óbvio, mas no discurso de muitos, inclusive nas esferas de poder, estão exatamente agindo na direção contrária”.

“O que afeta a economia é a pandemia, não são as medidas para combater a pandemia, e o resultado das experiências que já estão acontecendo em diversos países do mundo – de países que estão mais avançados na curva de contaminação, que já passaram pelo pico e pela queda da atividade econômica – a economia começa a retomar depois que se passa o pico e a pandemia começa a dar sinais que, de fato, esta controlada”, disse Meirelles.

“O isolamento social, o distanciamento que estão chamando de quarentena, ele tem por finalidade combater o mais eficazmente a contaminação e consequentemente beneficia a economia”, reforçou.

“Experiências históricas mostram que cidades, estados ou regiões ou países que adotaram a quarentena, com maior vigor e com maior rapidez, foram o que se recuperaram mais rapidamente do ponto de vista econômico, então nós temos, sim, que fazer a extensão da quarentena, da maneira mais rigorosa possível, disciplinada, não só para a quarentena possa ser gradualmente liberalizada, mas por uma questão objetiva, econômica.”

“Quanto mais rápido for controlada a evolução dos casos, mais rápido sairemos da crise, mais rápido vamos recuperar os empregos e a renda e a realidade e a sobrevivência das empresas”, disse.

“Isso falando de economia, sem mencionar um aspecto do direito básico do ser humano, que é a vida, mas deixando claro que essa é a melhor estratégia para que o estado de São Paulo e para o país poderem voltar a normalidade econômica”.

“Quanto mais rigorosa, quanto mais disciplinada e quando mais baseada em dados científicos, como as ações do governo de São Paulo, é melhor e mais rápido nós venceremos a pandemia e em consequência vencer a crise econômica. Esse sequenciamento é fundamental”, afirmou Meirelles.

Ele citou o Reino Unido como exemplo de um país que demorou a adotar com rigor a quarentena. “Eu vi um relatório impressionante do Banco Central inglês dizendo que espera uma queda de 14% do PIB no Reino Unido, porque demorou muito e o impacto na economia é maior”.

“Quanto mais rápido for controlada a evolução dos casos, mais rápido sairemos da crise, mais rápido vamos recuperar os empregos e a renda e a realidade e a sobrevivência das empresas”.

“Morte de milhares de brasileiros parece não afetar o presidente”

Reprodução: Youtube



A webconferência foi coordenada pelo jornalista Osvaldo Maneschy, da Fundação Leonel Brizola-Alberto Pasqualini, e faz parte do ciclo de debates “Diálogos, Vida e Democracia” promovido pelas fundações partidárias

Senado confirma ajuda de R\$ 60 bilhões para estados e municípios

O Plenário do Senado Federal aprovou por unanimidade na quarta-feira (6), em sessão remota, o novo texto para o projeto de Lei Complementar (PLP) 39/2020, que destina recursos emergenciais a estados e municípios no combate à pandemia da Covid-19. O projeto aguarda sanção presidencial.

O Programa Federativo de Enfrentamento ao Coronavírus destina R\$ 60 bilhões diretamente aos entes federados mais os R\$ 65 bilhões referentes à suspensão de dívidas.

O texto já havia sido aprovado pelo Senado no sábado (2) e sofreu algumas modificações na Câmara na terça-feira (5). Os deputados alteraram os critérios de distribuição de recursos entre os entes federados, mas essa modificação foi recusada pelos senadores.

De volta ao Senado, os senadores concordaram com parte da emenda aprovada pelos deputados federais sobre as contrapartidas impostas aos servidores públicos impostos pelo governo Bolsonaro.

A proposta de “ajuda” a estados e municípios de Bolsonaro e Guedes se limitava a R\$ 22 bilhões e exigia o congelamento de salários de todos os servidores até o final de 2021.

Além dos profissionais de saúde, de segurança pública e das Forças Armadas, excluídos do arrocho imposto por Paulo Guedes para liberar os recursos emergenciais, ficaram de fora do congelamento os trabalhadores da educação, servidores de carreiras periciais, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, guardas municipais, agentes socioeducativos, profissionais de limpeza urbana, de serviços funerários e de assistência social.

O relator do projeto foi o próprio presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP).

Ele acatou ainda a emenda que suspende os prazos de validade de concursos públicos já homologados até 20 de março de 2020, em todo o território nacional. A suspensão será válida até que a União estabeleça o fim do estado de calamidade

pública motivado pela pandemia.

Alcolumbre manteve a expressão “taxa de incidência da covid-19” que havia sido alterada pela Câmara dos Deputados para “número de casos absolutos da Covid-19”.

“Considerar a taxa de incidência, enfim, é ter um olhar para onde o sofrimento é maior. Em maio, são os estados do Norte e Nordeste. Mas não se sabe o comportamento do vírus quando o inverno chegar ao Centro-Sul do país. Nos meses de junho e julho, portanto, poderá ser a vez de acudir outros brasileiros necessitados. É importante, pois, que os critérios sejam complementares e capazes de apontar o melhor caminho para amenizar a dor de todos os brasileiros”, escreveu Davi Alcolumbre no relatório.

Até a tarde do dia 11 de maio, quando o Brasil registrava mais de dez mil mortes por coronavírus e os hospitais públicos estavam sem leitos e com UTIs lotados, Bolsonaro ainda não havia sancionado a ajuda emergencial.

Industriais vão pedir apoio a Bolsonaro e são atropelados por arenga antiquarentena

Jair Bolsonaro sabota de todas as formas possíveis o combate que o Brasil faz ao coronavírus. Nesta quinta-feira (07) ele interrompeu uma reunião com industriais que foram a Brasília pedir ajuda para enfrentar a crise e os arrastou numa caminhada ridícula até a sede do Supremo Tribunal Federal (STF) para pressionar a corte pelo relaxamento das medidas de proteção da população.

Usou e constrangeu os empresários do setor produtivo para, junto com ele, chantagear o STF pelo fim da quarentena. Esses mesmos empresários disseram após a reunião que foram surpreendidos com a pauta do presidente.

Segundo alguns deles, foram pedir ajuda para a travessia da crise e não pressionar pelo relaxamento da quarentena.

O presidente-executivo da Associação Brasileira de Indústria de Máquinas e Equipamentos, José Velloso, disse que foi iniciativa do presidente trazer o assunto para a reunião, que os empresários queriam tratar da competitividade do setor.

“Não estava na nossa agenda inicial, mas o presidente Bolsonaro trouxe a discussão da fe-

xibilização do isolamento no país. E é consenso de que nós precisamos sim de uma estratégia. Estratégia correta, tomando todos os cuidados, o máximo cuidado com os trabalhadores, para poder sair da forma mais rápida possível, identificando o que será necessário para essa nova etapa da retomada da economia brasileira”, afirmou.

O presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico, José Ricardo Roriz Coelho, que também participou da reunião, reforçou que qualquer medida tem que ser tomada sem trazer risco para as pessoas.

“Nós precisamos de uma coordenação, nós precisamos ter um trabalho conjunto para que a volta da atividade, não só atividade industrial, mas o comércio etc, seja feita da melhor maneira possível sem risco para as pessoas e preservando o maior número de empregos possível”, disse.

A ideia fixa do presidente é que os brasileiros têm que se infectar logo pelo coronavírus. Ou seja, ele trabalha incessantemente a favor da Covid-19. Por isso manipulou os empresários.

Promove aglomerações, chama a pandemia de gripezinha, não diz uma palavra às famílias

das mais de 9 mil vítimas da doença, critica as medidas de isolamento social – única forma adotada no mundo inteiro para proteger a população –, e amplia ao máximo os setores considerados essenciais. Por ele, todos os brasileiros estariam trabalhando, se aglomerando e se infectando.

Já defendeu a abertura de igrejas, de lotéricas, e por aí vai. A lista elaborada por ele de setores essenciais já contém 50 itens, mas, não satisfeito, ele hoje assinou mais um decreto incluindo também a construção civil e “atividades industriais”, assim mesmo, genericamente, ou seja, toda a indústria.

Essa verdadeira campanha de Bolsonaro para ajudar o coronavírus a matar mais brasileiros só não provoca mais estragos na população porque o STF estabeleceu que Estados e municípios têm o poder de estabelecer políticas de saúde, inclusive questões de quarentena e a classificação dos serviços essenciais.

Leia matéria completa no HP: <https://horadopovo.com.br/bolsonaro-chamou-industriais-para-discutir-apoio-ao-setor-e-os-atropelou-com-arenga-antiquarentena/>

Afirmam os economistas Luiz Gonzaga Belluzzo, Ricardo Carneiro e Guilherme de Mello, em debate promovido pelo Observatório da Democracia sobre a pandemia do coronavírus e saídas para a economia

O Observatório da Democracia, reuniu, na sexta-feira (8), o professor titular da Unicamp Luiz Gonzaga Belluzzo, o ex-Diretor no Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Ricardo Carneiro, e o professor e o diretor do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica do IE/Unicamp Guilherme de Mello, para debater “A pandemia e saídas para a economia”.

O evento foi coordenado pelo jornalista Osvaldo Maneschy, da Fundação Leonel Brizola-Alberto Pasqualini, e foi a segunda webconferência do ciclo de debates “Diálogos, Vida e Democracia”, promovido por fundações partidárias.

Osvaldo Maneschy iniciou a discussão afirmando que Bolsonaro continua agindo como se a Covid-19 fosse só uma “gripezinha”.

“Bolsonaro esteve no dia 7 de maio no STF para pressionar o fim do isolamento social, que é recomendado pela OMS, isolamento que só existe no Brasil pela atitude tomada por estados e municípios. O atual governo também não está entendendo a questão da economia, enquanto o general Braga fala na criação de milhões de empregos para se sair desta crise econômica, Paulo Guedes insiste nas privatizações e no Estado mínimo, defendido lá pela escola de Chicago”, afirmou.

“A morte de milhares de brasileiros parece que não está afetando Bolsonaro e muito menos Guedes. Bolsonaro disse que é preciso salvar os CNPJs porque a economia é vida, e que a economia está no CTI (Centro de Terapia Intensiva). Já Guedes, por sua vez, disse que a economia está entrando em colapso”, disse Maneschy sobre as declarações feitas na saída do Supremo Tribunal Federal. Citando o presidente Getúlio Vargas, ele afirmou que a saída não se dará pela política do estado mínimo, mas por políticas estruturadas pelo Estado.

“Aqui no Brasil nós tivemos no comando do País um estadista da estatura de Getúlio Vargas, hoje nós temos Jair Bolsonaro. Vargas considerava a maior responsabilidade de qualquer governo a promoção da justiça social, mas alertou que não pode haver justiça social sem desenvolvimento econômico. Na mesma frase concluiu que, não existe desenvolvimento econômico sem soberania nacional. Enquanto Vargas acreditou no Estado como grande indutor do desenvolvimento nacional, da justiça e soberania, Bolsonaro delega a Paulo Guedes, aluno da escola de Chicago, colaborador da ditadura de Pinochet e do Estado mínimo, o destino da economia brasileira e de todos nós, milhões de brasileiros”.

BELUZZO: ECONOMIA DO OBSCURANTISMO

Luiz Gonzaga Belluzzo afirmou que “a economia cultivada por Paulo Guedes e os demais integrantes do governo é a economia do obscurantismo. O choque foi tão grande que até mesmo alguns que defendiam essa ideia agora estão achando necessário fazer alguma coisa”.

Segundo Belluzzo, como o dinheiro não está circulando, a roda da economia não gira e a crise se agrava. “É a moeda que mobiliza o circuito da renda e do emprego”, disse o economista, referindo-se à capacidade que o Estado tem de emissão, e que esta medida traria “benefícios sociais aos que não são capazes de se reintegrar ao circuito monetário pelo agravamento da crise”.

“E qual é a ação necessária: impedir um colapso total dos circuitos de renda. O governo está demorando muito para fazer isso, a demora é impressionante”, criticou o economista.

Os governos dos Estados Unidos, Japão, Canadá e Reino Unido já imprimiram mais dinheiro para defender suas economias e para amparar a população sem renda e as empresas sem capital.

Belluzzo alertou que “as pessoas não conseguem receber. Uma incompetência total dos instrumentos do Estado. As empresas que buscam financiamento para a folha, não conseguiram acessar nem 1% do crédito. Se você vai esperar que os bancos privados emprestem, não vai ser feito. Então é claro que isto não vai ser feito pelos bancos privados”.

O economista destacou que o governo Bolsonaro “não está conseguindo governar e muito menos coordenar medidas que tenham a ver com a fragilidade atual e a saída desta fragilidade”. O professor defendeu que neste momento é preciso ter capacidade de planejamento, que para o economista, o governo Bolsonaro não tem.

“São analfabetos macroeconômicos. Eles ficam segurando as coisas quando eles tinham que na verdade

coordenar. O Brasil está entregue neste momento a um governo inepto, incapaz, que não é capaz de coordenar o Brasil”, criticou o economista.

Belluzzo afirmou que para superar a profunda crise econômica que está por vir, será preciso que o governo eleve o gasto público e que estes recursos sejam dirigidos para a reindustrialização do país. “Nós permitimos uma desindustrialização selvagem”, afirmou. “O dólar lá em cima favoreceria, se tivessem medidas auxiliares, estimularia as exportações brasileiras, defenderia a indústria local”.

RICARDO CARNEIRO: SOLUÇÃO PARA CRISE PASSA PELO ESTADO

Ricardo Carneiro alertou que, pela forma como o governo Bolsonaro está agindo, “nós aqui no Brasil vamos pagar um preço mais alto do que seria razoável, do que seria necessário pagar. Primeiro, pela própria forma como está lidando com a pandemia, do ponto de vista humano e sanitário. Segundo, do ponto de vista econômico e social, nós também vamos pagar um preço mais alto do que nós deveríamos pagar”. O economista lembrou que há um conjunto de ações que foram adotadas pelo governo que não são incorretas, mas que são “claramente insuficientes”.

Carneiro defendeu que sejam ampliados e estendidos os programas de recomposição de renda mínima para os trabalhadores, formais e informais, além disto, que o valor de ajuda a estados e municípios também seja elevado, e que o Estado opere obras de infraestrutura, através da ampliação do investimento público.

“O fato é que as pessoas estão perdendo renda, que as empresas estão perdendo faturamento, fluxo de caixa”, declarou. “Então, são dois problemas, um problema, que é imediato, é a renda. O outro, é que se essas pessoas e empresas quebrarem, isto irá se prolongar por muito tempo à frente. Qual é a solução disto? O único ente econômico capaz de dar solução a isto, porque tem capacidade de emitir moeda e porque tem ainda alguma credibilidade na emissão de títulos, é o Estado. Ou você faz com que o Estado recomponha o fluxo de renda dos trabalhadores e de certa forma assuma parte destes passivos que a sociedade e as empresas têm, ou não terá solução minimamente decente na crise”, enfatizou Ricardo Carneiro.

GUILHERME MELLO: TABUS FISCAIS NÃO FAZEM MAIS SENTIDO

Guilherme Mello lembrou que a economia brasileira já estava em um ritmo ruim antes da pandemia, e destacou que o governo demorou muito para reagir ao coronavírus, mostrando “um descolamento da realidade”.

“Isso vinha desde antes, visto o discurso do governo de que havia uma decolagem da economia – o que não é verdade. No ano passado tivemos um pibinho menor que durante o governo Temer”.

“O que está em voga é uma fé no liberalismo rastaquera, representado por Guedes. Esses tabus fiscais não fazem mais sentido”, disse Mello, enfatizando que apenas o Estado pode liderar o controle e a saída da crise, ao contrário do que prega o Ministério da Economia.

De acordo com Mello, as 17 milhões de pessoas que ainda aguardam na fila do auxílio emergencial demonstram a demora e a má vontade do governo em tomar à frente o combate à crise.

“Mas bem ou mal, com a pressão de deputados e senadores, o auxílio foi aprovado. O que me preocupa profundamente é esse grupo de empresários, pequenos e micro empresários, que estão completamente desabrigados. Não há nenhum tipo de programa de crédito, seja para o capital de giro ou pagamento da folha para esses empresários. Quem vai poder liderar isso é o setor público via os seus instrumentos: política macroeconômica, política fiscal e monetária. E as empresas públicas e bancos públicos”, defendeu.

O ciclo de debates “Diálogos, Vida e Democracia” é realizado pelo Observatório da Democracia, fórum que reúne as fundações de partidos políticos. Além da Fundação Leonel Brizola-Alberto Pasqualini, participam as fundações Astorjildo Pereira (Cidadania23), Maurício Grabis (PCDoB), João Mangabeira (PSB), Lauro Campos e Marielle Franco (PSOL), Ordem Social (PROS) e Perseu Abramo (PT). A Fundação Cláudio Campos também participa do Observatório.

ANTONIO ROSA
PRISCILA CASALE

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio, 67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001 São Paulo-SP E-mail: horadopovo@ig.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:

Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Reprodução

75 anos do Dia da Vitória: as FFAA homenageiam os heróis antifascistas da FEB

“Hoje, celebramos, honramos e agradecemos aqueles que contribuíram para o triunfo da democracia”

Há 75 anos o Brasil participava heroicamente com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) da frente ampla que derrotou o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Nesta data, com a assinatura da rendição dos nazistas diante dos aliados, o mundo se viu livre do ódio, da violência, do obscurantismo e da ditadura nazifascista que infelicitou o mundo e ceifou milhões de vidas.

As Forças Armadas brasileiras lutaram com heroísmo em solo europeu dando uma contribuição decisiva para enterrar de vez o fascismo que se apoderou do poder e arrasou a vida dos nossos irmãos italianos.

Todos foram unânimes em reconhecer a bravura dos pracinhas e dos comandantes brasileiros que lutaram em solo europeu. A coragem dos brasileiros que deram a vida para enterrar o fascismo e defender a democracia serve de exemplo até hoje para todos os que amam o Brasil e defendem a liberdade.

Para comemorar essa data que tanto orgulha os brasileiros, os chefes militares das Forças Armadas do Brasil divulgaram a Ordem do Dia “75 anos do Dia da Vitória”, assinada pelo Ministro da Defesa e os Comandantes Militares.

Segue a íntegra da nota:
Ordem do Dia – 8 de maio de 2020
75 anos do Dia da Vitória
Brasília, DF, 8 de maio de 2020.
Há 75 anos, o dia 8 de maio entrou para o nosso calendário como símbolo de coragem, sacrifício e devoção de homens e mulheres das nações aliadas, que combateram a opressão, a tirania e o totalitarismo.

Hoje, celebramos, honramos e agradecemos aqueles que contribuíram para o triunfo da democracia. Lembramos dos que se foram e daqueles que aqui estão, brasileiros e brasileiras, que deixaram suas famílias, amigos e partiram para a guerra, e devido à árdua missão a cumprir, muitos dos nossos bravos deixaram de regressar aos seus lares.

Em 8 de maio de 1945, acabava a Segunda Guerra Mundial na Europa, a paz e a liberdade eram restabelecidas. O Brasil foi parte desse esforço. Nossas Forças Armadas estiveram presentes nas águas do Atlântico, nos campos de batalha e nos céus da Europa, lutando pela justiça, pela liberdade e por um mundo melhor.

Saudamos a Marinha do Brasil, responsável pelo patrulhamento das nossas águas, pela escolta e proteção dos 575 comboios, totalizando 3.164 navios, que trafegavam no Atlântico, e pela defesa de nossa costa durante a Guerra. Nossos marinheiros que ali estavam certamente diriam que navegar na tempestade os tornou mais fortes. Ao final do conflito, a Marinha do Brasil pôde desfraldar o seu Bravo Zulu!

Reverenciamos o Exército Brasileiro e seus soldados, nossos pracinhas, que tiveram conquistas expressivas para a vitória dos aliados. Saudamos aqueles 25 mil combatentes da Força Expedicionária Brasileira que enfrentaram as incertezas dos combates, consagraram com seu sangue o solo da Itália e cuja memória permanece viva em nossos corações. A Cobra Fumou!

Exaltamos a Força Aérea Brasileira e o Primeiro Grupo de Aviação de Caça, nossos guardiães dos céus, que, entre outubro de 1944 e maio de 1945, voaram 445 missões, mostrando, nos céus da Itália, a bravura, o desprendimento e a incansável dedicação, marca indelével de nossos combatentes dos ares. Senta a Pua!

As experiências do passado nos servem para lembrar os que nos antecederam, aprender com seus atos, pensar no presente e olhar para o futuro. Os heróis de ontem nos ensinaram que nossas escolhas e nossas ações na adversidade definirão como cada capítulo da História será escrito.

Este 8 de maio, quando o coronavírus nos carrega de incertezas, coloca luzes na importante participação dos profissionais de saúde das Forças Armadas Brasileiras na Segunda Guerra Mundial. Entre eles estavam as 67 enfermeiras, que formavam o primeiro grupo de mulheres militares a participar do suporte às operações de combate no Brasil. O engajamento silencioso desses profissionais acolhia e tratava os bravos que sofriam os efeitos diretos dos combates.

O esforço de guerra nos deixou lições que vão além dos evidentes atos de bravura. Foi mobilizado o espírito da nação brasileira, que se uniu, aceitou sacrifícios, enfrentou o medo de perder seus filhos e se entregou à defesa dos valores da nossa gente.

O empenho dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial contra totalitarismos nos deixou um legado de democracia e um exemplo que nos orienta e sempre nos fortalece.

O dia 8 de maio é um marco para a liberdade que exercemos.

FERNANDO AZEVEDO E SILVA
Ministro de Estado da Defesa
Almirante de Esquadra ILQUES BARBOSA JUNIOR
Comandante da Marinha
Gen Ex EDSON LEAL PUJOL
Comandante do Exército
Ten Brig Ar ANTONIO CARLOS MORETTI BERMUDEZ
Comandante da Aeronáutica

Valeixo confirma denúncia de Moro contra Bolsonaro



Reprodução

Portão campo de concentração de Auschwitz, onde mais de 1 milhão foram mortos

Secom de Jair Bolsonaro copia lema nazista: “O trabalho nos torna livres”

Mensagem repetida agora pela Secom ficava na placa na entrada do campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia

A propaganda de Bolsonaro repete uma das marcas registradas do nazismo: a mentira. Segundo Goebbels, o marqueteiro do regime de Hitler, se uma mentira for repetida mil vezes, torna-se verdade. E assim que agiram os funcionários da Secretaria de Comunicação (Secom), dirigida por Fábio Wajngarten, ao publicar uma peça, bem ao estilo goebbelsiano, repetindo à exaustão que o presidente está em luta contra a coronavírus.

Isso é tão falso que nem ele mesmo acredita nisso. Aliás, é de domínio público que Bolsonaro nega a gravidade da pandemia da Covid-19, tenta obrigar o povo a se expor à infecção pelo vírus, não faz nada para ajudar se não for empurrado pelo Congresso e STF e só critica quem está na luta contra o coronavírus. Toda essa mentira e a exaltação ao trabalho é para forçar o povo a se expor à infecção.

Veja a peça SecomVc @secomvc
Parte da imprensa insiste em virar as costas aos fatos, ao Brasil e aos brasileiros. Mas o Governador de seu chefe, segue trabalhando para SALVAR VIDAS e preservar o emprego e a dignidade dos brasileiros. O trabalho, a união e a verdade libertarão o Brasil.
“O trabalho nos torna livres”, diziam os alemães aos escravos que foram esfolados e mortos por eles. Pois é exatamente esta mesma frase que fecha a propaganda da Secom sobre Bolsonaro e a Covid-19. “O trabalho nos torna livres.”
A identificação do bolsonarismo com os porões do nazismo não é novidade. Ela é tão intensa que, além de se apoiarem em milícias, tal qual fizeram os discípulos de Hitler, o último secretário de Cultura do governo, Roberto Alvim, sem aquilatar adequadamente a correlação de forças na sociedade,

Ex-ministros exigem fim da política externa ‘irracional’ e de ‘vergonhosa subserviência’

Em artigo para o jornal Folha de S. Paulo, seis ex-ministros das Relações Exteriores, um ex-ministro da Fazenda e ex-embaixador e um ex-secretário especial de Assuntos Estratégicos da Presidência.

Leia abaixo os principais trechos do artigo: “Apesar de nossas distintas trajetórias e opiniões políticas, nós, que exercemos altas responsabilidades na esfera das relações internacionais em diversos governos da Nova República, manifestamos nossa preocupação com a sistemática violação pela atual política externa dos princípios orientadores das relações internacionais do Brasil definidos no Artigo 4º da Constituição de 1988. “Inovadora nesse sentido, a Constituição determina que o Brasil “rege-se nas suas relações internacionais pe-

los seguintes princípios: I- independência nacional; II- prevalência dos direitos humanos; III- autodeterminação dos povos; IV- não-intervenção; V- igualdade entre os Estados; VI- defesa da paz; VII- solução pacífica dos conflitos; VIII- repúdio ao terrorismo e ao racismo; IX- cooperação entre os povos para o progresso da humanidade; X- concessão de asilo político. “Parágrafo único. A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações. Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

Flávio Dino anuncia que vai solicitar leitos privados para a luta contra a pandemia

O governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), anunciou na manhã deste domingo (10) que vai publicar um decreto de requisição administrativa de leitos de hospitais privados em São Luís, capital do estado, e em Imperatriz. Desde do último dia 5 a Justiça decretou lockdown (isolamento total) de algumas cidades do estado.

Com isso, todos os hospitais privados da Ilha e de Imperatriz deverão informar quantos leitos têm, quantos são exclusivos para tratar pacientes com coronavírus, quantos estão ocupados e quantos estão livres. Essas

informações devem ser declaradas diariamente. A partir disso, a Secretaria de Estado da Saúde pode, dependendo da situação e da necessidade, utilizar leitos da rede privada. O uso dos leitos implicará o pagamento de indenização aos hospitais privados.

“Coronavírus deve ser a prioridade de todos, já que infelizmente temos milhares de pessoas doentes no Brasil”, justificou o governador.

De acordo com o Ministério da Saúde, o estado tem 6.765 casos e 355 mortes por Covid-19. A decisão do governador é também uma recomen-

Segundo o delegado da PF, Bolsonaro queria alguém com “afinidade” para colocar no cargo

O ex-diretor-geral da Polícia Federal (PF), Maurício Valeixo, confirmou nesta segunda-feira (11), em depoimento na sede da PF do Paraná, que Jair Bolsonaro tinha a intenção de afastá-lo da direção da Polícia Federal mesmo sem ter nenhum motivo técnico para fazê-lo. Valeixo informou que Bolsonaro queria alguém com “afinidade” na Direção-Geral da PF.

O presidente insistiu na indicação de Alexandre Ramagem, íntimo da família, no cargo, em substituição a Valeixo. Seu intento só não se concretizou porque o Supremo Tribunal Federal barrou a indicação.

Segundo o diretor da PF, Bolsonaro já vinha há algum tempo tentando trocar também o superintendente da Polícia Federal do Rio de Janeiro.

“[Valeixo disse] que em junho de 2019 foi consultado pelo ex-ministro Sérgio Moro sobre a possibilidade de troca do superintendente do Rio de Janeiro, dr. Saadi, pelo dr. Saraiva, então superintendente do Amazonas; [disse também] que segundo o dr. Moro, esse nome havia sido ventilado pelo presidente da República; que não sabe dizer por quais razões o presidente da República teria sugerido aquele nome”, declarou Valeixo em outro trecho.

Naquela época, a PF concordou com a saída de Ricardo Saadi, mas não com a indicação de Bolsonaro.

Segundo o delegado, o presidente não apresentou motivos técnicos para sua demissão, mas deixou claro que não o queria no cargo, de acordo com informações do jornalista Daniel Adjuto, da CNN. Valeixo disse também que o presidente telefonou para ele na véspera de sua demissão e informou que a exoneração dele do cargo seria publicada “a pedido”. A exoneração de Maurício Valeixo foi publicada no Diário Oficial da União como sendo a pedido e assinada por Bolsonaro e Sérgio Moro.

No dia seguinte, Sérgio Moro desmentiu Jair Bolsonaro e informou que não recebeu nenhum pedido de demissão do diretor da PF e não assinou a exoneração de Maurício Valeixo do comando da Polícia Federal. Foram duas as irregularidades cometidas por Bolsonaro. A primeira foi a falsificação da assinatura eletrônica de Moro. A segunda é que exonerações publicadas no “Diário Oficial da União” com o termo “a pedido” informam que o ocupante do cargo pediu para deixar a função. Quando o termo não é publicado, indicam que o funcionário foi demitido. Bolsonaro quis fazer crer que Valeixo tinha pedido demissão.

Questionado se presenciou algum fato que indicasse a tentativa de interferência política por parte do presidente na Polícia Federal, Valeixo disse que a ele não foi pedido nenhum relatório sigiloso. “Para o depoente [Valeixo], a partir do momento em que há uma indicação com interesse sobre uma investigação específica, estaria caracterizada uma interferência política, o que não ocorreu em nenhum momento sob o ponto de vista do depoente.” Esta dificuldade de obtenção desses relatórios certamente foi o motivo para Bolsonaro querer afastar Valeixo do cargo de diretor-geral da PF e colocar em seu lugar alguém “com mais afinidade”.

Valeixo informou que “em duas

Fracassa “marcha” dos 300 caminhões. Motivo: “o comandante pegou Covid”

Segundo os organizadores, entre eles Paulo Felipe, um militar da reserva que está acampado na Esplanada dos Ministérios, a marcha viria de todo o Brasil para ocupar o Supremo Tribunal Federal e “acabar com a patifaria” que tomou conta do STF.

A “marcha” era também contra as medidas de quarentena decretadas pelos estados para evitar a propagação do coronavírus (Covid-19).

Grupo de manifestantes pró-Bolsonaro grita pelo fechamento dos poderes Legislativo e Judiciário durante ato em Brasília (DF).

O que se viu no sábado foram algumas pessoas e carros rodando de um lado para o outro na Praça dos Três Poderes e depois fazendo um raivoso “tiro ao alvo” num painel com a figura de algumas personalidades que o bolsonarismo odeia, entre eles Sérgio Moro, Rodrigo Maia, João Dória, Alexandre de Moraes, entre outros. Nenhum caminhão. Muito pouca gente.

Diante do fracasso da “grande marcha” bolsonarista, o site Congresso em Foco conseguiu entrevistar Paulo Felipe, organizador do ato.

Questionado sobre a ausência de caminhões, respondeu: “Eu

oportunidades, uma presencialmente, outra pelo telefone, o presidente da República teria dito ao depoente que gostaria de nomear ao cargo de Diretor-Geral alguém que tivesse maior afinidade, não apresentando nenhum tipo de problema contra a pessoa do depoente; que o depoente registra que o presidente nunca tratou diretamente com ele sobre troca de superintendentes nem nunca lhe pediu relatórios de inteligência ou informações sobre investigações ou inquéritos policiais.”

A pressão para a troca de superintendentes e por relatórios era feita ao Ministro da Justiça, Sérgio Moro, que acabou denunciando este fato ao pedir emissão do governo. Isso ficou evidente na troca de mensagem entre Bolsonaro e Moro, divulgada pelo ex-ministro.

A intenção de Bolsonaro de interferir na Polícia Federal, ao que tudo indica, já vem desde antes mesmo dele assumir a Presidência da República. Alexandre Ramagem assumiu a segurança do ainda candidato Jair Bolsonaro logo após o episódio da facada em Juiz de Fora, em setembro de 2018.

Ramagem se tornou amigo íntimo da família e, particularmente de Carlos Bolsonaro, filho do presidente e um aficionado por armas e espionagem. Assim que assumiu a Presidência, Bolsonaro levou Ramagem para dentro do Palácio do Planalto, num cargo de assessoria na pasta comandada à época pelo general Santos Cruz.

Relato feito pelo ex-ministro Gustavo Bebianno pouco antes de morrer, em entrevista dada ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, revelou que Carlos Bolsonaro tinha a intenção de criar uma espécie de “Abin paralela” porque, segundo Bebianno, ele não confiava na estrutura oficial. Bebianno disse que o vereador tinha apresentado a ele e ao general Santos Cruz o nome de um delegado que iria comandar essa tal “Abin paralela”.

O ex-ministro disse que eles alertaram Bolsonaro da intenção do vereador de criar essa estrutura. Pouco tempo depois, tanto Bebianno quanto Santos Cruz foram demitidos por Bolsonaro. Poucos dias depois da demissão do general Santos Cruz, Alexandre Ramagem foi nomeado pelo presidente para a direção geral da Abin.

Logo após a crise criada pelo anúncio público de que o superintendente da Polícia Federal do Rio, Ricardo Saadi seria substituído, Bolsonaro divulgou que queria nomear para o cargo o delegado Alexandre Saraiva, então superintendente do Amazonas. Por coincidência, a indicação de Saraiva para a superintendência da PF no Rio de Janeiro foi feita por integrantes da equipe de delegados da segurança do então candidato Jair Bolsonaro, chefiada por Alexandre Ramagem.

Bolsonaro conseguiu tirar Ricardo Saadi da superintendência do Rio de Janeiro mas não conseguiu emplacar Alexandre Saraiva em seu lugar. Desde essa época Bolsonaro mira a direção da PF do Rio de Janeiro. Não é à toa que a primeira medida do novo diretor da PF foi trocar o comando da PF no Rio.

Leia a íntegra do depoimento de Maurício Valeixo em www.horadopovo.com.br

SÉRGIO CRUZ

Com hospitais federais sucateados, Rio tem fila de pacientes nas UTIs

Mais de mil leitos estão sem uso nos hospitais federais por falta de médicos e enfermeiros. Enquanto isso, 447 pessoas, entre a vida e a morte, esperam por vaga de UTI

Enquanto mais de 400 pessoas aguardam por leitos de UTI no Rio de Janeiro, o colapso do sistema mostra problemas antigos da saúde pública do Rio de Janeiro. A capital do estado tem cerca de 1.500 leitos vazios porque os hospitais foram sucateados, assim como médicos e enfermeiros. Mais de mil desses leitos são de unidades federais e universitárias.

A rede federal de saúde no Rio tem 1.041 leitos, muitos com respiradores, bloqueados, sem uso, principalmente por falta de médicos e enfermeiros.

O Ministério da Saúde chegou a anunciar em março que um dos hospitais, o de Bonsucesso, seria referência no tratamento da Covid-19. O atendimento a outras especialidades foi até suspenso. Mas, por falta de pessoal, até o início dessa semana, quase dois meses depois, nem metade dos 170 leitos prometidos estavam abertos. Até agora apenas 76.

A estimativa é de que faltem 8 mil profissionais na rede federal de saúde no Rio e a situação pode piorar. Sem a renovação de contratos, 4 mil médicos, enfermeiros e técnicos podem ser dispensados até o fim deste mês. Os números são da Defensoria Pública da União.

Os defensores dizem que faltou planejamento para as unidades federais de saúde ajudarem o Rio em um momento de urgência.

“Nós temos vozes dissonantes dentro da mesma rede federal. A sua estrutura interna aqui no Rio de Janeiro não consegue se comunicar com o Ministério da Saúde. Há muito tempo, há uma solicitação de concurso público, equipamento de proteção individual, mas o Ministério da Saúde parece ignorar a sua própria rede federal”, destacou Daniel Macedo, defensor público.

A Justiça já intimou o Ministério da Saúde mais de uma vez

para esclarecer quais ações os hospitais federais do Rio estão tomando no combate à Covid-19, mas o Ministério Público Federal e a Defensoria Pública da União dizem que até agora não foram tomadas medidas práticas.

Quem trabalha nas emergências destas unidades está no limite. “Nós estamos expostos ao vírus, sem condições alguma de trabalho com dignidade. Estamos perdendo os colegas de trabalho para o vírus em decorrência da negligência do estado”, desabafa um profissional da emergência do Hospital Federal de Bonsucesso.

O governo do município ofereceu mil vagas para médicos com salários de R\$ 4.411 a R\$ 11 mil por jornadas de 12 a 30 horas semanais. Apareceram muitos currículos, mas os interessados chegam num ritmo de pinga-pinga.

O esquema de contrato temporário e não celetista afasta os profissionais que querem o mínimo das condições necessárias em um emprego e não querem servir de muleta para o governo Bolsonaro seguir sem realizar os concursos necessários para estabilizar a saúde pública no Rio de Janeiro.

Frente à inércia do governo Bolsonaro, o governador do estado, Wilson Witzel (PSC), tem procurado alternativas. Até o fim desta segunda-feira (11), o governo do estado do Rio de Janeiro terá aberto 1.129 leitos dedicados a pacientes graves com coronavírus, sendo 972 em hospitais de referência somente para o tratamento da pandemia. São um total de 447 leitos de UTI e 525 de enfermarias nessas unidades, além de 157 leitos, sendo 100 de UTI em áreas isoladas de outras unidades de saúde estaduais.

Porém, mesmo com esses números, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) informa que 447 pacientes com suspeita ou confirmação de coronavírus aguardam transferência para UTI.



Servidores da saúde protestam em frente ao Hospital Federal de Bonsucesso

Roberto Carlos defende quarentena “radical” em show do Dia das Mães

O cantor Roberto Carlos fez uma segunda live neste domingo e abriu a transmissão cantando “Lady Laura”, música em homenagem a sua mãe. O Rei quebrou uma espécie de tradição, já que ele sempre abre os shows com “Emoções”. Logo no início da transmissão, Roberto destacou a importância da quarentena e defendeu o distanciamento “radical” para combater o coronavírus.

Roberto também criticou as pessoas que se cumprimentam tocando os cotovelos e os pés. “Outros cuidados que eu acho importantíssimos. Esse negócio de cumprimentar com o braço ou com o pé, eu acho que não vale nada. Não tem valor algum. Porque o cumprimento é simplesmente a reverência”, afirmou.

“Nada de encostar cotovelo, tornozelo, porque não acho que isso resolve a questão. Temos que ser radicais nessa questão do distancia-

mento social”, completou.

“Nesse tempo que estamos vivendo, qualquer gesto de carinho vale”, disse.

“Quero mostrar que estamos mantendo as distâncias estabelecidas que temos que respeitar. Fiquem tranquilos que temos um acrílico na frente de cada um e todos de máscara. Cantar de máscara é meio complicado”, brincou o Rei ao informar que todos os músicos estavam de máscara e protegidos por vidros.

O “rei” abriu a apresentação com Lady Laura, dedicada a Laura Moreira Braga (1914-2010), mãe do artista. “Comecei homenageando todas as mães por meio da música

O público passou a transmissão inteira fazendo declarações de amor e postando emojis de rosas — referência ao clássico gesto de seus shows ao vivo. Vez ou outra também apareceram mensagens de outros países.



Pernambuco já ultrapassou mil mortes por coronavírus

Governador Paulo Câmara determina quarentena total em cinco cidades da região metropolitana de Recife

O governo de Pernambuco decretou quarentena no Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe e São Lourenço da Mata a partir do próximo sábado (16). A medida terá 15 dias de duração e prevê restrição de circulação de pessoas e de veículos. A recomendação anterior era que os moradores desses municípios apenas ficassem em casa. Também foi determinado o uso obrigatório de máscaras.

A gestão estadual também anunciou que irá endurecer a fiscalização em estabelecimentos comerciais nos cinco municípios.

Recife é a quarta capital do país a adotar proibição de circulação de pessoas, as outras três são Belém, São Luís e Fortaleza.

As medidas serão válidas no período de 16 a 31 de maio. O decreto do governador Paulo Câmara também prevê uma atuação integrada para conscientização das comunidades e a realização de campanhas de comunicação.

“Todas as projeções mostram que precisamos aumentar o isolamento social para evitar a disseminação ainda mais acelerada da doença. Por isso, a partir de amanhã, vamos implantar uma série de medidas, como o rodízio de veículos e a fiscalização nos principais corredores viários para restringir a circulação de pessoas nesses cinco municípios citados. Precisamos da determinação de todos nesses duros 20 dias que teremos pela frente”, afirmou o governador Paulo Câmara.

Até esta segunda-feira (11), Pernambuco tinha oficialmente 13.768 casos e 1.087 mortes por

coronavírus. As cinco cidades do Grande Recife foram escolhidas por representarem, juntas, 75% dos casos confirmados e 68% dos óbitos do estado, segundo o governo.

Os serviços essenciais, como supermercados, farmácias e padarias seguem funcionando normalmente. Para os demais municípios, permanecem em vigor as medidas previstas nos decretos anteriores do governo estadual.

RODÍZIO VEICULAR

O governo estadual vai implantar rodízio de veículos, similar ao realizado na capital de São Paulo. Nos dias pares, podem circular aqueles cuja a placa termina em número par. Nos dias ímpares, os com a placa terminado em número ímpar.

Estão excluídos do rodízio táxis e ônibus, além dos utilizados por profissionais de saúde, segurança, Defesa Civil e de uso oficial. Também não são incluídos no rodízio os serviços essenciais, como abastecimento de água e gás, energia, Correios, imprensa, produtos alimentares, funerárias, obras, coleta de lixo, guincho e ambulâncias.

Os profissionais devem apresentar crachá, carteira de trabalho ou aplicativo para comprovar que podem circular.

Serão implantados pontos de bloqueio nos cinco municípios, com recomendação para retornar e possível apreensão e remoção de veículos sem autorização para transitar.

Anitta questiona Regina sobre ditadura e descaso com mortes

A cantora Anitta cobrou respostas de Regina Duarte após a entrevista da secretária da Cultura de Jair Bolsonaro na CNN Brasil na última quinta-feira (7). Em uma mensagem no Instagram, a cantora condenou a postura da ex-atriz, que tripudiou de mortes na ditadura, relativizou o impacto do coronavírus e minimizou seu papel ao mencionar mortes de artistas durante a pandemia.

“Se recusar a ouvir uma opinião contrária logo depois de enaltecer os tempos de ditadura me causa muito medo. Até porque eu e muitos dos meus amigos seríamos os primeiros censurados caso esse regime voltasse ao Brasil e nós continuássemos no exercício do nosso trabalho”, escreveu Anitta em comentário no Instagram da secretária.



Enaltecer a ditadura me causa muito medo, diz Anitta

A entrevista da secretária especial de Cultura, Regina Duarte rendeu bastante polêmica. Antes de abandonar a conversa ao vivo, a atriz opinou defendeu a ditadura, cantando a marchinha ‘Pra Frente Brasil’, que foi símbolo naquela época, e chegou a dar risada ao falar sobre os óbitos originados pelo regime militar. “Não era gostoso cantar

isso?”, perguntou a atriz.

Regina minimizou as mortes ocorridas durante a ditadura. Em tom de risada, a secretária acrescentou: “Na humanidade, não para de morrer. Se você fala ‘vida’, do lado tem morte. Sempre houve tortura. Stalin, Hitler, quantas mortes... não quero arrastar um cemitério de mortes nas minhas costas”, afirmou.

“Regina Duarte não nos representa”, diz o manifesto assinado por 500 artistas

Um grupo de 512 artistas, jornalistas, produtores culturais e intelectuais assinou carta de repúdio à atuação da atriz Regina Duarte à frente Secretaria da Cultura do governo Bolsonaro. “Como artistas, intelectuais e produtores culturais, formamos a maioria que repudia as palavras e as atitudes de Regina Duarte como Secretária de Cultura”, diz o manifesto.

“Fazemos parte da maioria que não aceita os ataques reiterados à arte, à ciência e à imprensa, e que não admite a destruição do setor cultural ou qualquer ameaça à liberdade de expressão. Ela não nos representa”, continua a carta. “Somos artistas brasileiros e fazemos parte da maioria

de cidadãs e cidadãos que defende a democracia e apoia a independência das instituições para fazer valer a Constituição de 1988”, afirma trecho da carta, assinada por artistas como Caetano Veloso, Lulu Santos, Adriana Esteves, Chico Buarque e Marcelo Tas.

A categoria esperava que e nova secretária se pronunciasse sobre alguns artistas que morreram recentemente como Rubem Fonseca, Aldir Blanc e Flávio Mighiaccio, mas ela não disse uma palavra sobre essas perdas.

A indignação do grupo aumentou após entrevista concedida pela secretária à Rede CNN Brasil na quinta-feira (7) na qual se esquivou de responder perguntas feitas pela também atriz Maitê Proença sobre

a atuação de sua pasta. Ela também minimizou a repressão ocorrida no período da ditadura e criticou a cobertura da imprensa sobre o coronavírus.

Regina vinha sendo cobrada pelos artistas a promover políticas de proteção ao setor durante a epidemia do coronavírus. “Fazemos parte da maioria que entende a gravidade do momento que estamos vivendo e pedimos respeito aos mortos e àqueles que lutam pela própria sobrevivência no país devastado pela pandemia e pela nefasta ineficiência do poder público”, diz o texto.

O manifesto foi endossado por atores, cantores, compositores, escritores, roteiristas, cineastas, artistas plásticos, fotógrafos e dançarinos.



Governador não descarta lockdown

“Inimigo da economia não é a quarentena, é o coronavírus”, diz Dória

O governador de São Paulo, João Dória (PSDB), declarou nesta segunda-feira (11) que a real inimiga da economia é a pandemia do novo coronavírus e não o isolamento social utilizado como medida de contenção das infecções da doença.

“Nós respeitamos a saúde e continuaremos a respeitá-la. Nós continuaremos a dizer ‘não’ aos patrocinadores da morte e aos saudosistas da corrupção e do desemprego. O vírus não mudou e não vai mudar nossos valores. Nós vamos manter nossas posições. O inimigo da economia não é a quarentena, é o vírus, é o coronavírus, é a pandemia”, disse o governador.

A afirmação foi feita em uma entrevista no Palácio dos Bandeirantes. No encontro, Dória falou sobre medidas de combate à Covid-19 no Estado.

“A ordem prioritária é salvar vidas e dar proteção social aos mais pobres, em 2ª lugar vem a economia”, disse Dória. A quarentena no Estado começou em 24 de março e está prevista para ir até 31 de maio.

Dória é alvo de críticas por atuar em defesa da quarentena no estado, posição que é contrária à do presidente Jair Bolsonaro, que vem tratando a pandemia com irresponsabilidade e se mostra incapaz de proteger a vida, o emprego e a democracia.

De acordo com Dória, as medidas tomadas até o momento ajudaram a preservar 74% da economia do Estado e que elas ainda podem ser intensificadas, não descartando um possível ‘lockdown’ em São Paulo.

O governo de São Paulo também anunciou que vai entregar 10 mil cestas básicas para aldeias indígenas e comunidades carentes. As cestas são compostas de insumos produzidos por produtores do Estado. Dória também anunciou a doação de 8 mil botijões de gás para moradores de comunidades carentes do Estado.

Brasil atinge 11,5 mil mortes e Bolsonaro chama academia e barbeiro de serviço essencial

O Brasil chegou a 11.519 mortes causadas pelo novo coronavírus (Covid-19) nesta segunda-feira (11). Ontem, eram 11.123. De acordo com o Ministério da Saúde, foram computados 386 óbitos nas últimas 24 horas.

Já os casos de infecção pela covid-19 são 168.331, no domingo eram 162.699. A quantidade de casos confirmados de ontem para hoje foi 5.632.

O ministério divulgou ainda que, ao todo, 69.232 pessoas se recuperaram da covid-19, enquanto 82.344 estão em acompanhamento. A pasta também informou que 1.852 óbitos estão em investigação. A taxa de letalidade da doença no país é de 6,8%.

De acordo com a pasta, a maior parte das mortes divulgadas hoje refere-se a outros períodos, mas foi computadas de ontem para hoje após investigação concluída ou em andamento. Nos últimos três dias, segundo a pasta, ocorreram 234 óbitos.

O estado de São Paulo é o epicentro da covid-19 no país, com 3.743 óbitos e 46.131 casos confirmados da doença, seguido do Rio de Janeiro, 1.770 mortes e 17.939 casos; Ceará, 1.187 mortes e 17.599 casos; Pernambuco, 1.087 óbitos e 13.768 casos; Amazonas, 1.036 mortes e 12.919 casos; Pará, com 708 morte e 7.563 casos; e Maranhão, 399 óbitos e 8.144 casos.

No total, as mortes causadas pelo coronavírus em cada estado são: Acre (45); Alagoas (138), Amapá (73); Amazonas (1.036); Bahia (211); Ceará (1.187); Distrito Federal (44); Espírito Santo (196); Goiás (49); Maranhão (399); Mato Grosso (19); Mato Grosso do Sul (11); Minas Gerais (121); Pará (708); Paraná (111); Paraíba (139); Pernambuco (1.087); Piauí (45); Rio Grande do Norte (92); Rio Grande do Sul (105); Rio de Janeiro (1.770); Rondônia (47); Roraima (24); Santa Catarina (69); São Paulo (3.743); Sergipe (37); Tocantins (12).

SERVIÇOS ESSENCIAIS

Em mais um ato de sabotagem à luta contra a pandemia e coloca em prática a quarentena, Jair Bolsonaro incluiu nesta segunda-feira (11) as atividades de salões de beleza, barbearias e academias de esportes na lista de “serviços essenciais” que, segundo defende o governo federal, podem ser mantidos durante a pandemia do coronavírus.

O decreto foi publicado em uma edição extra do “Diário Oficial da União” no fim da tarde. Com essa inclusão, o número de atividades que Bolsonaro pretende liberar chega a 57.

O texto do decreto afirma que precisam ser “obedecidas as determinações do Ministério da Saúde”. Entretanto, o ministro Nelson Teich foi surpreendido pela liberação durante a coletiva desta segunda-feira e disse não ter relação com a autorização.

12,4 milhões terão que refazer o cadastro para auxílio emergencial



Torcedores do Timão barram ato pró-Covid e pró-Bolsonaro

Integrantes da torcida do Corinthians fizeram uma manifestação na Avenida Paulista na tarde de sábado (09) em defesa da democracia e contra o fascismo.

O ato foi convocado com o objetivo de impedir uma manifestação a favor do coronavírus e do Bolsonaro pelos bolsonaristas malucos que aconteceria no mesmo local. Segundo o site Meu Timão, o grupo era formado em sua maioria por moradores da zona norte da capital paulista.

Segundo o jornalista Fernando Moraes, em relato ao site da revista Fórum, a manifestação ocorreu de forma relâmpago. “Como se tivessem surgido do nada, cada um vindo de um lugar diferente, corintianos fizeram uma manifestação-relâmpago pró-democracia na avenida Paulista, na hora e no local em que os lunáticos apoiadores de Bolsonaro planejavam se concentrar”.

Eles carregavam uma faixa em prol da democracia com gesto imortalizado pelo jogador Sócrates. “Estávamos lá enquanto cidadãos brasileiros que avaliam o momento e têm a história da Democracia Corintiana como diretriz. E o mesmo grupo que tem se reunido para entregar marmix e cestas básicas”, disse Danilo Pássaro, um dos líderes da manifestação ao site Meu Timão.

Sobre quebrar o isolamento social, Danilo disse que todos que foram ao ato têm ciência da medida para combater a pandemia da Covid-19, mas consideraram o momento político como um risco que pedia uma manifestação presencial.

O protesto dos bolsonaristas tinha como alvos o governador e o prefeito de São Paulo, João Doria e Bruno Covas, os ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e a volta ao AI-5. Além de defender a expansão acelerada do coronavírus.

A página Antifa Hooligans BR compartilhou a imagem, que foi celebrada por torcedores rivais. O grupo de corintianos carregava uma faixa “Somos Democracia”.



MPF orienta Ibama a não aceitar decreto que anistia desmatadores

O Ministério Público Federal (MPF) em São Paulo recomendou que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) desacute o decreto do Ministério do Meio Ambiente que anistia invasores e desmatadores da Mata Atlântica no estado.

O decreto em questão foi assinado no dia 06 de abril por Ricardo Salles, ministro da pasta, reconhecendo propriedades rurais que se instalaram indevidamente em áreas de preservação – como é a Mata Atlântica – até julho de 2008.

De acordo com o despacho do procurador federal em São Paulo, Daniel Azevedo, o decreto leva em consideração diretrizes do novo Código Florestal, de 2012 – que em tese permitiria o reconhecimento dessas propriedades –, mas fere a lei de proteção ambiental específica da Mata Atlântica, de 2006. Assim, a decisão levaria ao cancelamento indevido de multas e autorizaria atividades predatórias em áreas de proteção onde já houve flagrante de

desmatamento, sem que os responsáveis sejam punidos e colocando em risco as poucas áreas remanescentes do bioma, que correspondem a menos de 10% da cobertura original ao longo de 17 estados brasileiros.

“[O decreto] Passa uma mensagem clara de que quem descumpriu a legislação se beneficiou. Porque não vai ficar com aquelas áreas sem sofrer qualquer tipo de punição”, disse o procurador em parecer.

Segundo o diretor de Políticas Públicas da Fundação SOS Mata Atlântica, Mário Mantovani, caso as instituições não acolham a recomendação do MPF, o caso será levado à Justiça. Para ele, o despacho “é um desastre sem precedente”, pois a decisão do ministro também afeta as Áreas de Proteção Permanente, na qual a mata ciliar deve ser preservada ao redor de rios e leitos, por exemplo. “Não existe nenhuma lei que autoriza retirada de floresta próxima ao rio. Ele edita esse despacho sem a menor noção”, crítica Mantovani.



Milhões ainda buscam as filas da Caixa para tentar obter o benefício



Crédito do governo para o pagamento de salários foi liberado para 1% das empresas

A linha de crédito de R\$ 40 bilhões destinada para pagamento de salários por pequenas e médias empresas, estabelecida pelo governo na MP 944, vai deixar de fora milhares de empresas no país.

Segundo o texto, as empresas que não possuem folha de pagamento processadas por bancos não poderão obter o crédito, que foi projetado para evitar demissões durante a crise do coronavírus.

Como o pagamento de salários em dinheiro ou cheque, sem intermediários, é amplamente utilizado em todo o Brasil por pequenos comerciantes ou por prestadores de serviço, por exemplo, até agora, apenas 1% do crédito foi liberado.

Segundo o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) do Distrito Federal, a estimativa é que 95% das empresas não estejam

conseguindo acesso ao crédito.

“O governo fala que existe a linha, mas muita gente não consegue acessar, porque os bancos precisam que a folha seja paga dentro do sistema”, afirma.

Quando foi anunciado o socorro, no início de abril, o Banco Central fez a estimativa que o crédito iria manter a renda de 12 milhões de trabalhadores de pequenas e médias empresas, um mês depois, o BC informa que apenas 304 mil trabalhadores foram beneficiados até agora.

Além da exigência de que a empresa tenha a folha de pagamento “bancarizada”, as Câmaras de Comércio dos Dirigentes Lojistas de vários capitais e municípios têm relatado o excesso de burocracia e exigências feitas pelos bancos para liberar o crédito aos pequenos e médios empresários.

Levantamento feito pela Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (Aciub) e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) aponta que alguns bancos estão exigindo limites de crédito baseado no faturamento fiscal, o que é uma contradição, já que com as empresas fechadas não existe receita; que fazem uma enorme consulta de crédito da empresa, dos sócios, cônjuges e do avalista, dificultando e atrasando a liberação do crédito.

As entidades denunciavam ainda que, conforme relatos dos empresários, o valor dos bens tem que ser três vezes maior ao valor de solicitação do empréstimo, e que muitos pedidos são barrados devido a pequenos débitos no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) ou Sersa, entre outros empecilhos.

“Minoria barulhenta”, diz Bolsonaro sobre milhões que esperam auxílio emergencial

Mais uma vez o presidente Jair Bolsonaro ofende o sofrimento do povo brasileiro. A última foi chamar de “minorias barulhentas” as pessoas que aguardam o auxílio emergencial de R\$ 600, destinado aos trabalhadores informais, desempregados e cidadãos de baixa renda que simplesmente ficaram sem meios de sobrevivência em face da pandemia do coronavírus.

“O Pedro Guimarães, presidente da Caixa, que vai falar alguma coisa sobre o pessoal que caiu em (inaudível), que está sob análise. É uma minoria barulhenta, uns realmente têm razão, outros se equivocaram e outros não têm direito”, disse, em vídeo nas redes sociais.

A afirmação se dá quando, após um mês do início da liberação do auxílio emergencial, as extensas

filas e aglomerações continuam a se multiplicar em todo o país, levando milhões de pessoas às agências da Caixa Econômica na tentativa de sacar o dinheiro.

Os empecilhos que as pessoas têm encontrado para terem o dinheiro na mão são tão absurdos, beirando o surreal, que faz parecer que tudo não passa de uma manobra da equipe econômica para que, ao fim de todo o processo, milhares de cidadãos não consigam mesmo receber e o recurso retorne aos cofres do governo.

Além de toda a dificuldade para acessar e fazer funcionar o aplicativo Caixa Tem, mesmo para aqueles que têm acesso à Internet, celulares de última geração e facilidade com o mundo digital – o que um universo inteiro

da população brasileira não tem, sobretudo os mais necessitados –, os erros são constantes.

Pessoas que conseguem ultrapassar a barreira do cadastramento e ter seu benefício devidamente aprovado contam que, no minuto em que estão prestes a ter acesso ao código para transferir ou sacar o dinheiro, depois de horas de tentativas por dias seguidos, aparece na tela do celular respostas como “seu número não consta”, “CEP inválido”, “aplicativo desatualizado”, etc, etc, ou simplesmente “erro”.

Isso para os que já tiveram o recurso creditado na Poupança Digital aberta pela Caixa. Para os 30 milhões que nem conseguiram ter seu cadastro aprovado e os 13 milhões que terão que refazer o cadastro, o drama é ainda maior.

Mais de um mês após início do pagamento 12,4 milhões seguem sem obter o dinheiro

Há mais de um mês do início do cadastramento para o auxílio emergencial, milhões de brasileiros ainda esperam pelo socorro para conseguirem sobreviver durante a crise do coronavírus.

Nesta semana, o governo confirmou que 12,4 milhões de pessoas não conseguiram concluir seu cadastro e terão que refazer o procedimento, enfrentando ainda diversos problemas de funcionamento no aplicativo da Caixa. Além desses, outros 26,1 milhões foram considerados inelegíveis.

Segundo o governo, há ainda 6 milhões de cadastros que não foram avaliados pela Dataprev, e, dos que foram aprovados e tiveram o recurso creditado em uma Poupança Digital da Caixa, 3,5 milhões não conseguiram sacar ou movimentar o dinheiro.

Essa é a triste realidade da mais importante questão econômica que precisa ser executada no momento pelo governo federal: fazer com que milhões de famílias consigam se alimentar e atender as mínimas condições de sobrevivência, para, inclusive, poderem cumprir a quarentena e evitar que uma tragédia maior ainda se abata sobre o nosso país, com a disseminação crescente do vírus.

As dificuldades impostas pelo governo para a liberação do recurso vão desde uma política de segurar os recursos e, assim, forçar os trabalhadores a saírem de casa e se exporem à Covid-19 em busca de sustento, até a incompetência total.

Segundo reportagem divulgada pelo portal “IG”, uma falha no sistema que aprova os pedidos do auxílio afetou mais de 30 milhões de pessoas.

Segundo a reportagem, um funcionário da Caixa Econômica Federal (CEF) ouviu pelo portal que preferiu não se identificar, disse que “todos os cadastros feitos no dia 7 de abril deram ‘inconclusivos’ e o governo orientou que as pessoas os refizessem. As pessoas refizeram, mas eles continuam em análise.”

Beneficiário tem duas horas para sacar auxílio emergencial após obter código

Entre os diversos obstáculos que milhões de cidadãos estão tendo que enfrentar para conseguir receber o auxílio emergencial, aqueles para os que já tiveram o cadastro aprovado e o benefício creditado em uma Conta Digital da Caixa são os mais incomprensíveis. Parece mesmo uma “pegadinha” do governo para zombar dos necessitados.

Depois de enfrentar uma verdadeira saga para conseguir se cadastrar – saga mesmo, pois imagine uma pessoa sem nenhum recurso, que antes da crise do coronavírus já sobrevivia quase sem nada, desempregada, vivendo nas piores condições, na informalidade, e conseguiu, de alguma forma, ter acesso à Internet e entrar no site por um computador ou celular, preencher corretamente todos os seus dados e dos seus filhos, e acompanhar o andamento do processo –, após, finalmente, verificar que foi aprovado, o cidadão tem que se ver com o aplicativo Caixa Tem para sacar ou movimentar o dinheiro.

A dificuldade é tanta, que só nessa categoria são 3,5 milhões de pessoas que, mesmo com o recurso creditado na conta digital, não

conseguiram ter, de fato, acesso ao dinheiro até esta segunda-feira (11).

Pessoas relatam que passaram muitas horas, por vários dias, acessando o aplicativo para terem um código que dá acesso ao dinheiro.

Segundo relatos em diversas reportagens e depoimentos nas filas da Caixa Econômica, o aplicativo não é compatível para qualquer celular, leva muito tempo para carregar, a pessoa fica em uma interminável fila virtual, o sistema cai quando acredita-se estar quase chegando lá, os dados, mesmo que preenchidos corretamente, não são aceitos, e o sistema cai novamente e começa-se tudo de novo... Mas, depois de muitas tentativas, chega-se, enfim, no momento de receber o tão esperado “código” que – aí a maior das pegadinhas –, tem validade de 2 horas.

Se a pessoa não se preparou para isso, se não tem como chegar a uma agência da Caixa ou a uma lotérica, enfrentar fila, em tempo hábil, todo o esforço para conseguir o “código” foi por água abaixo. Aí, é começar de novo para gerar um novo código... e a fome e a necessidade que esperam.

Diante das dificuldades, o que resta a milhões de pessoas que perderam sua fonte de renda é seguir nas filas em frente às agências da Caixa em busca de informações ou de alguma resolução para o seu problema.

Foi o caso de Cláudia Brito, que conseguiu a liberação hoje, após mais de 20 dias tentando. Em depoimento ao HP, a orientadora socioeducativa, e mãe solteira de três filhos, contou que fez seu primeiro cadastro no aplicativo da Caixa no dia 9 de abril.

“Eu recebi a aprovação do benefício dez dias depois, no dia 19 de abril. O dinheiro estava na conta virtual, mas eu não conseguia concluir as perguntas que o aplicativo fazia, e o processo não avançava para ter a liberação do dinheiro. Fiquei todos os dias por horas conectadas no aplicativo. Cheguei a virar madrugadas tentando concluir e nada. Foram 21 dias nessa agonia, mesmo já estando aprovada”. “Hoje, mais de um mês depois de iniciar o meu processo, resolvi ir a uma agência da Caixa onde consegui o código que libera para o saque”, contou.

OMS: quarentena voltará onde se apressar o fim do distanciamento



O diretor-geral da OMS defendeu "transição gradual e com muito cuidado"

Imprensa de Israel repele uso da bandeira do país em manifestações antidemocráticas

"Organizações líderes judaico-brasileiras repeliram a presença da bandeira de Israel no centro de um ato que pede o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal", afirma matéria do jornal israelense Haaretz, do dia 7, que registra a contribuição do jornalista Marcus M. Gilban e a Agência Telegráfica Judaica (JTA, com sede em Nova Iorque) como colaboradores.

O artigo, originalmente intitulado "Presidente do Brasil fica perto de bandeira israelense em ato antidemocrático confundindo e enraivecendo judeus", prossegue destacando que as lideranças judaicas frisaram que "incluir a bandeira envia uma falsa mensagem sobre os sentimentos da comunidade judaica em relação ao presidente, que é alvo de críticas e de escândalos políticos e pela forma como vem tratando a crise do coronavírus".

O Haaretz faz um breve levantamento da situação vivida pelo Brasil e das atitudes do presidente no ato:

"Bolsonaro 'deixou o palácio presidencial para falar aos manifestantes que pediam o retorno do regime autoritário'".

E relata que a demissão do chefe da Polícia Federal "fez o ministro da Justiça renunciar e acusar Bolsonaro de interferir em investigações de corrupção".

Como o STF bloqueou a indicação preferencial de Bolsonaro, traz o artigo, o presidente disse, no ato de domingo: "Basta



Bolsonaro em ato que pede fechamento do Congresso

de interferência. Nossa paciência se esgotou".

A matéria ressalta ainda que "a comunidade judaica ficou dividida com a candidatura de Bolsonaro em 2018".

Citando a JTA, repercute a declaração do presidente da Confederação Israelita Brasileira, Conib, Fernando Lottenberg, a qual afirma que "o uso constante da bandeira israelense pode passar uma mensagem errada sobre a composição política plural da comunidade judaica brasileira e representar mal nossa posição com relação aos manifestantes e o governo".

Também se refere a mais duas notas de entidades judaicas brasileiras. A primeira, da organização Judeus pela Democracia, que, referindo-se à estrela de David na bandeira, declara: "A bandeira israelense em uma demonstração contra a democracia não representa os valores judaicos! Chega de sequestrar nossos símbolos".

A outra é da organização B'nai Brith do Brasil, cujo presidente, Abraham Goldstein, apesar de mais moderado, também observa que "a presença

de bandeiras de outros países em um ato exclusivamente brasileiro não faz sentido. Isso deve ocorrer em momentos específicos a exemplo de eventos comuns, visitas de autoridades e hóspedes especiais".

O artigo termina lembrando que "no ano passado, Bolsonaro disse que o nazismo era um movimento de esquerda, recebendo uma repreensão da direção do museu do Holocausto israelense, o Yad Vashem".

Segundo o Haaretz, "a deputada Joice Hasselmann entende que 'a reação judaica é natural' ao comentar as respostas ao ato de domingo e a referência ao ocorrido no Yad Vashem".

Já o jornal Times of Israel, que também repercutiu o posicionamento dos judeus brasileiros em seu artigo intitulado "Judeus brasileiros criticam o tremor de bandeiras de Israel em atos antidemocráticos". Segundo o jornal, o Instituto Brasil-Israel, Ibi, desfaldar bandeiras israelenses em tais atos equivale a queima-las".

Com 378 mortes pela Covid-19, a Colômbia prorroga a quarentena até dia 25 de maio

O governo da Colômbia anunciou nesta terça-feira que vai estender o isolamento social obrigatório e prorrogará as medidas de segurança contra o coronavírus até 25 de maio. Com 378 mortos e pouco mais de 8.600 casos apurados desde 6 de março, a ideia é relaxar a restrição nos municípios onde nenhum tiver sido detectado.

A quarentena está em vigor desde 25 de março para a maioria dos 48 milhões de colombianos, à exceção de alguns setores, como supermercados, farmácias e, mais recentemente, construção e manufatura.

Entre outras medidas de peso, as fronteiras continuarão fechadas, os voos comerciais nacionais e internacionais serão restritos e as aulas presenciais e os eventos públicos seguirão suspensos.

De acordo com o governo, a prorrogação só



Colômbia suspende aulas presenciais e fecha fronteiras

foi possível devido ao fato das infecções e mortes no país estarem sob controle e 90% das salas de terapia intensiva encontrarem-se disponíveis.

Será permitida a atividade física ao ar livre para os adultos durante a manhã e que os menores

entre 6 e 17 anos possam sair três vezes na semana durante meia hora por dia. No entanto os idosos com mais de 70 anos deverão seguir confinados em suas casas até 31 de maio, como foi determinado desde o início do período de emergência.



Painéis na repulsa a Bolsonaro

Revista científica "The Lancet" considera que Bolsonaro é "o maior risco para os brasileiros"

Uma das mais destacadas revistas científicas inglesas "The Lancet" publica, em editorial, intitulado "Covid-19 no Brasil: E daí?", alerta para o genocídio em marcha no Brasil e aponta para o descaso de Bolsonaro como o maior fator de risco aos brasileiros. Devido à importância das denúncias, publicamos o editorial.*

A pandemia da doença do coronavírus de 2019 (COVID-19) chegou à América Latina mais tarde do que em outros continentes. O primeiro registro no Brasil foi em 25 de fevereiro de 2020. Mas agora, o Brasil tem a maioria dos casos de morte na América Latina (105.222 casos e 7.288 mortes até 4 de maio - 9.190 até 7 de maio, segundo as secretarias de Saúde dos Estados), e estes são provavelmente substancialmente subestimados. E ainda mais grave, a taxa de mortalidade acontece a apenas cada 5 dias e um estudo recente do Imperial College (Londres, Reino Unido), que analisou a taxa de transmissão ativa em 48 países, mostrou que o Brasil é o país com a mais elevada taxa de transmissão (2,81). Cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro são os principais focos agora, mas a preocupação e os primeiros sinais são de que as infecções estão se movendo para o interior com provisão inadequada de leitos de terapia intensiva e ventiladores.

E ainda, talvez a maior ameaça, em termos de reação ao Covid-19 no Brasil, é o seu presidente, Jair Bolsonaro. Quando perguntado por jornalistas, na semana passada, sobre o rápido crescimento dos casos de COVID-19, ele respondeu: "E daí? O que vocês querem que eu faça?". Ele não apenas continua a abertamente desdenhar e desencorajar as medidas sensíveis de distanciamento físico e de lockdown implantadas pelos governadores e prefeitos, mas perdeu dois ministros influentes nas últimas 3 semanas. Primeiro, em 16 de abril, Luiz Henrique Mandetta, o respeitado e bem avaliado ministro da Saúde, retirou-se depois de uma entrevista na televisão na qual criticou firmemente as ações de Bolsonaro e chamou à unidade ou, em caso contrário, haveria o risco de deixar os 210 milhões de brasileiros completamente confusos. Depois, em 24 de abril, logo após o afastamento do chefe da Polícia Federal por Bolsonaro, o ministro da Justiça, Sérgio Moro, uma das figuras mais poderosas do governo direitista e apontado por Bolsonaro para o combate à corrupção, anunciou sua renúncia. Esta debandada no coração do governo é uma distração mortal em meio à emergência na Saúde Pública e é também um sinal forte de que a liderança do Brasil perdeu seu compasso moral, se alguma vez o teve.

Mesmo sem o vácuo em ações políticas federais, o Brasil teria um momento difícil no combate ao COVID-19. Cerca de 13 milhões de brasileiros vivem em favelas, é muito comum que haja mais de três pessoas por quarto e pouco acesso a água potável. O distanciamento físico e as recomendações de higiene são praticamente impossíveis de serem seguidas nestes ambientes — muitas favelas têm seu organizado sozinhas para implementar estas medidas da melhor forma possível.

Leia matéria na íntegra em www.horadopovo.com.br

Argentina apresenta proposta de redução de 65% na dívida para garantir desenvolvimento

O presidente da Argentina, Alberto Fernández, apresentou um projeto que propõe a redução aproximada de 65% da dívida de 66,2 bilhões de dólares compreendida em 21 títulos públicos sob legislação estrangeira que o país acumulou, principalmente durante o governo Macri. Por cada dólar da dívida, a Argentina propõe pagar em torno de 35 centavos.

O ministro da Economia, Martín Guzmán, assinalou que o plano supõe um período de alívio até 2022, sendo que a partir de 2023 a Argentina começaria a cumprir seus compromissos. "Não podemos oferecer mais porque não é sustentável. Propomos algo absolutamente sério e razoável, baseados na boa fé. Essa é a oferta que há. Chegou a hora de os credores decidirem", disse o ministro, que descartou que no país se apliquem maiores ajustes fiscais com o propósito de cumprir com o pagamento da dívida.

A proposta do governo argentino suspende pagamentos de juros e de capital por três anos. Além disso, propõe uma redução de 62% nos juros (a média atual de 6,15% cai para 2,33%) o que permite diminuir a dívida em US\$ 37,9 bilhões, com esse recorte dos juros. Por último, a proposta reduz em média 5,4% do capital (em alguns títulos a redução chega a 18%), permitin-

do diminuir a dívida em outros US\$ 3,6 bilhões.

Com o quadro de crise deixado pelo governo anterior, e agravado pela pandemia de Covid-19, cerca de 20% dos credores já aceitaram a proposta e três grupos de investidores rejeitaram a oferta. Mas economistas como os prêmios Nobel, Joseph Stiglitz e Edmund Phelps, acham que os credores devem concordar com o plano. Nesta semana, junto com 136 especialistas de 20 países, eles publicaram um artigo no site Project Syndicate sugerindo que os detentores da dívida adotem uma "abordagem construtiva" na negociação do problema.

"A Argentina apresentou um plano razoável que reflete adequadamente a capacidade de pagamento do país", escreveram os economistas. "A proposta está em linha com a análise técnica do Fundo Monetário Internacional de que é necessário um substancial alívio por parte dos credores privados para que a dívida da Argentina seja sustentável", apontaram.

Os economistas sustentam que uma proposta mais dura colocaria em risco a economia do país no longo prazo, considerando também o impacto da pandemia do novo coronavírus. No final, os prejudicados seriam os próprios investidores. SUSANA LISCHINSKY

Matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

O diretor-geral da Organização Mundial de Saúde Tedros Ghebreyesus enumerou uma série de passos mediante "enfoque gradual", com "controles de vigilância e o investimento em sistemas de saúde públicos"

A Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou, nesta quarta-feira, para a necessidade de uma política de isolamento preventivo ainda mais rígida no combate ao coronavírus e conclamou os governos a realizarem uma transição "gradual e com muito cuidado" para não terem de voltar logo mais com a quarentena.

Com mais de 4,2 milhões de contagiados e mais de 280 mil mortos em todo o planeta, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, advertiu para a gravidade da situação e enumerou uma série de passos a serem tomados, como os controles de vigilância e o investimento nos sistemas de saúde públicos.

"O risco do retorno do distanciamento segue sendo muito real se os países não tratarem a transição com muito cuidado e em um enfoque gradual", reiterou Tedros, em uma videoconferência em Genebra.

Para o diretor-geral da OMS, é fundamental enfrentar as desigualdades que estão "alimentando" a pandemia e investir nos sistemas de saúde agora para salvar vidas mais adiante. Mais do que nunca, na avaliação de Tedros, "os governos têm que garantir o bem-estar das pessoas que estão perdendo renda e precisam desesperadamente de comida, saneamento e outros serviços essenciais".

Vencer a pandemia de coronavírus requer "o maior esforço de saúde pública da história", alertou o secretário-geral da ONU, António Guterres, no lançamento na sexta-feira (24), por videoconferência, de uma iniciativa global, encabeçada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para unificar e acelerar o desenvolvimento de medicamentos, testes e vacinas seguros e eficazes contra a Covid-19 e seu compartilhamento equitativo pelos povos do mundo inteiro.

O evento enfatizou o compromisso da OMS, da ONU e de importantes líderes mundiais de que os novos tratamentos para lidar com a pandemia "chegarão a todos".

Demonstrando seu apoio à OMS, participaram à distância, com pronunciamentos, líderes da União Europeia — como o presidente francês Emmanuel Macron, a primeira-ministra alemã Angela Merkel, do primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte, do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez e a presidente da Comissão Europeia, a alemã

Ursula von der Leyen.

A pandemia de Covid-19 se aproxima dos 3 milhões de infectados no planeta inteiro e já causou 200 mil mortos, sendo que a Europa foi duramente atingida, em especial a Itália, Espanha, França, Grã Bretanha e Alemanha.

O governo Trump e o governo Bolsonaro se autoexcluíram da videoconferência.

Caberá à presidente da Comissão Europeia presidir no dia 4 de maio uma conferência de doadores, cuja meta é levantar 7,5 bilhões de euros para esse esforço concentrado para avançar na contenção da Covid-19.

Guterres pediu "uma vacina e tratamentos baratos, saudáveis, eficazes e facilmente utilizáveis que atendam a todos, em qualquer lugar. Ninguém estará seguro até que estejamos todos seguros. O Covid-19 não respeita fronteiras".

Como apontou o secretário-geral da ONU, "o mundo precisa desenvolver, produzir e garantir uma distribuição equitativa" de vacinas e tratamentos quando disponíveis".

O que o que se faz necessário — enfatizou Guterres — não é "uma vacina ou tratamento para um país ou região ou metade do mundo — mas uma vacina e tratamento acessíveis, seguros, eficazes, fáceis de administrar e universalmente disponíveis — para todos, em qualquer lugar".

"O mundo precisa dessas ferramentas e precisa logo", disse Ghebreyesus. "Enfrentamos uma ameaça comum que apenas poderemos derrotar em uma abordagem comum", disse o diretor-geral, ressaltando que todas as vacinas, diagnósticos e tratamentos devem ser igualmente disponibilizados a todas as pessoas.

"A experiência nos conta que, mesmo quando as ferramentas estão disponíveis, elas não estão igualmente disponíveis para todos. Não podemos permitir que isso aconteça", afirmou.

"Desde janeiro, a OMS trabalha com milhares de pesquisadores em todo o mundo para acelerar e acompanhar o desenvolvimento de vacinas — desde o desenvolvimento de modelos animais até projetos de ensaios clínicos e tudo mais. Também desenvolvemos diagnósticos que estão sendo usados em todo o mundo, e estamos coordenando um estudo global sobre a segurança e eficácia de quatro ações terapêuticas contra o Covid-19", declarou o diretor-geral da OMS.

Não é surpresa existir grande diferença entre China e EUA no combate ao coronavírus

No desespero motivado por sua inépcia em combater a pandemia do Covid-19, o que transformou os Estados Unidos no maior desastre mundial diante da doença, com o trágico aumento no número de mortes e contagiados, Trump, passou à busca de um bode expiatório e a mirar a China sobre quem tenta pôr a culpa pela pandemia. Além de cortar recursos, busca também difamar a OMS, entidade filiada à ONU, que centraliza o combate mundial contra o vírus e que cita o exemplo chinês de superação de sua propagação como exemplo a ser seguido e métodos a serem aprendidos.

Daí a importância do esclarecedor relato escrito pelo Cônsul-geral da China no Rio de Janeiro, Li Yang, intitulado "Não é surpresa existir uma grande diferença entre China e EUA no combate à Covid-19", publicado no portal da revista Intertelas (especializada em Relações Internacionais) na terça-feira, dia 5. N.B.

Face à pandemia da Covid-19, a China submeteu-se a uma verdadeira prova sem ter um livro de referência e nem respostas para procurar, enquanto os Estados Unidos da América fazem a prova com um livro de referência disponível com respostas existentes oferecidas pela China. Como resultado, apesar de ter tido uma dificuldade maior, a China

obteve uma nota excelente, enquanto os EUA não passaram no exame! A razão pela qual o contraste foi tão grande não é porque a China "colou no exame", como argumentam algumas pessoas com intenções insidiosas, mas, sim, a falta de esforços dos EUA.

As sabedorias e as experiências do povo chinês na luta contra as pragas ao longo de milhares de anos são incomparáveis aos norte-americanos. Aconteceram mais de 500 pragas na história chinesa, dentre as quais mais de 300 foram em escala maior. Em 1910, levou apenas 67 dias para o jovem Dr. Wu Liande controlar a epidemia de peste no nordeste da China. O método que Dr. Wu usava não foi diferente do usado para combater a Covid-19 em Wuhan: antes de tudo, colocar o monstro feroz do vírus preso numa gaiola, para que ele morra gradualmente.

Conforme pesquisas da revista Science, a quarentena total da Cidade de Wuhan protegeu ao menos 740.000 pessoas fora da área de contágio da Covid-19. Hoje em dia nos EUA, em vez de ser preso, o monstro ainda está correndo em todos os lugares, tornando-se cada vez mais forte e bárbaro, e comendo cada vez mais pessoas. LI YANG, Cônsul-geral da China no Rio de Janeiro

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Europa comemora 75 anos da Vitória sobre o nazismo



Papa Francisco defendeu a solidariedade

Papa: "Covid-19 não é desculpa para explorar os trabalhadores"

"É verdade que a crise está afetando a todos, mas a dignidade das pessoas sempre deve ser respeitada", afirmou o sumo-pontífice Francisco ao final de sua audiência geral, nesta quarta-feira, realizada na biblioteca papal, em virtude da quarentena que vive a Itália.

Defendendo a solidariedade a todos os trabalhadores como preceito fundamental da existência humana, o papa destacou que este é o momento de "convidar os trabalhadores explorados e convidar a todos a transformar a crise em uma ocasião em que a dignidade da pessoa e do trabalho possa ser colocada de volta no centro das coisas".

Manifestando seu respeito e profunda identidade com as inúmeras mensagens enviadas no Primeiro de Maio, o papa fez menção especial às que condenavam a exploração dos homens do campo na Itália, a maioria dos quais é de imigrantes.

Nas últimas semanas ocorreram inúmeras prisões de proprietários de fazendas e quadrilhas que recrutam e controlam trabalhadores rurais na península ibérica. Num dos casos recentes, três albaneses que trabalhavam para uma vinícola no Norte da Itália foram presos por forçarem imigrantes a permanecer em atividade durante até 10 horas por dia sem intervalo, além de pagarem salários completamente insuficientes.

Coronavírus na Casa Branca: servicial de Trump e porta-voz do vice Pence testam positivo

Enquanto o presidente Donald Trump está em plena campanha pela "volta ao trabalho", como o New York Times registrou o governo "está correndo para conter um surto de coronavírus dentro da Casa Branca". Um criado pessoal do presidente e a porta-voz do vice Mike Pence, Katie Miller, testaram positivo e já começaram duas semanas de isolamento.

O surto acontece em um quadro em que o número de contágios na capital, Washington, e regiões conexas, está em ascensão.

Como observou o NYT, "a preocupação sobre um surto do vírus na Casa Branca - e a testagem rápida e rastreamento de contatos feitos para contê-lo - ressaltam o desafio mais amplo colocado aos americanos, pois Trump os insta a começar a retornar aos seus locais de trabalho, apesar dos avisos das autoridades de saúde pública de que o vírus continua a devastar comunidades em todo o país".

Trump é conhecido pela recusa em usar máscara facial, como recomenda o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDD) - o que ficou patente em recente ida a uma fábrica de máscaras N95, onde achou que precisava de óculos de segurança, mas não de máscara. Pence conseguiu visitar um grande hospital, sem máscara facial, embora depois haja se desculpado.

No domingo, três integrantes da força-tarefa anticoronavírus da Casa Branca, o infectologista Anthony Fauci, o diretor do CDC, Robert Redfield, e o comissário da Agência de Alimentação e Remédios (FDA), Stephen Hahan, anunciaram que iriam se isolar preventivamente.

Sob o governo Trump, os EUA se tornaram recordistas mundiais de contágios de Covid-19 (mais de 1,3 milhão) e de mortes (80 mil). Há rumores de que

os assessores do governo de Trump já temem dar expediente na "Ala Oeste", a ala presidencial. "É assustador ir trabalhar", confessou ao canal de televisão norte-americano CBS um dos principais conselheiros de economia de Trump, Kevin Hassett. Ele disse ter usado uma máscara às vezes na Casa Branca, mas admitiu que seria "um bocadinho mais seguro se eu estivesse sentado em casa do que indo para a Ala Oeste".

"É um lugar pequeno e cheio de gente. É um pouco arriscado. Mas você tem de fazer isso porque precisa servir ao seu país".

De acordo com o Times, não se sabe ao certo com quantos outros funcionários da Casa Branca Madame Miller e o criado pessoal de Trump entram em contato, mas ainda estão indo trabalhar na Ala Oeste muitos daqueles que mais provavelmente estiveram em reuniões em que os dois estiveram presentes.

Não é a primeira emergência de Trump em relação ao contágio com o novo coronavírus. Na célebre visita de Jair Bolsonaro aos EUA, boa parte de sua comitiva acabou contagiada, mas Trump escapou da infecção.

A descoberta de infectados tão perto do presidente levou a Casa Branca a intensificar os procedimentos de combate ao vírus, segundo o NYT, com vários membros da equipe sendo solicitados a trabalharem em casa, uso crescente de máscara e um monitoramento ainda mais rigoroso de qualquer um que entre na Casa Branca.

Um assessor relatou ao NYT que Trump está "crescentemente irritado com gente que chega perto demais dele" e que - curiosamente - ficou aborrecido com que seu criado pessoal, que está entre aqueles que lhe servem comida, não estivesse usando uma máscara.

Se, como ele salientou, "o pior" já passou no Estado, nem por isso a situação é tranquila. Na terça-feira, as hospitalizações causadas

Daily Express



Esquadrilha Red Arrows da Força Aérea britânica faz apresentação no Dia da Vitória

Frente à pandemia, Rússia celebra Dia da Vitória sobre o nazismo com desfile aéreo

Em 9 de maio de 1945, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) anunciava a vitória sobre o Exército nazista, dando fim à Segunda Guerra Mundial - chamada pelos soviéticos de "Grande Guerra Patriótica". A data é conhecida hoje na Rússia como "Dia da Vitória".

O fim da guerra ocorreu após a Batalha de Berlim, último evento da ofensiva soviética contra as forças alemãs. A batalha teve início em abril, com a arremetida aos países ocupados pelos nazistas, e depois se deslocou até a capital alemã.

O 9 de maio é comemorado anualmente na Rússia com desfiles militares e homenagem aos mortos, sendo a data mais lembrada pelos russos.

Este ano, devido à pandemia de coronavírus, que no país está com um alto nível de contágio, não foi possível realizar o desfile na Praça Vermelha e em muitas outras cidades da Rússia, mas o presidente Vladimir Putin anunciou, na semana passada, que a Rússia não deixaria de comemorar a data e o show aconteceria no céu.

Todas as demais celebrações do Dia da Vitória em 9 de maio, que neste ano marca o 75º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial, foram adiadas incluindo o desfile com mais de 14.000 soldados e 300 itens de equipamento militar, pela Praça Vermelha, em Moscou. Também não houve veteranos da Segunda Guerra Mundial assistindo ao evento nem

'Erram Estados que largam quarentena com contágios em alta', alerta Andrew Cuomo, governador de NY

"Vemos estados que estão reabrindo onde ainda se está em uma ascendente [dos contágios]. Acho que isso é um erro", afirmou o governador de Nova Iorque, o democrata Andrew Cuomo, na quarta-feira, conclamando a que as decisões sobre a quarentena sejam baseadas em fatos e na ciência, não em interesses eleitorais.

Em Nova Iorque, que se tornou o epicentro da pandemia nos EUA, graças à instauração da quarentena evitou-se por pouco o completo colapso da rede hospitalar, cemitérios e necrotérios, e a medida foi prorrogada por Cuomo até 15 de maio.

Como ressaltou Cuomo, "se você tira Nova Iorque dos números nacionais, os números do resto da nação estão subindo". Isso no momento em que um grande número de Estados afrouxa as restrições ao comércio e à vida social, acrescentou.

Se, como ele salientou, "o pior" já passou no Estado, nem por isso a situação é tranquila. Na terça-feira, as hospitalizações causadas

EPA/EFE/Sergei Ilitskiy



Caças Su-25 ensaiam para desfile aéreo do Dia da Vitória

espectadores curtindo o desfile nas ruas da capital.

A parte aérea do desfile militar ocorreu às 10 da manhã (horário de Moscou).

A apresentação exibida em tempo real no site do Ministério da Defesa da Rússia e no canal do YouTube.

Pelo menos 75 aeronaves participaram do show aéreo. Helicópteros de batalha e transporte Mil voaram sobre a Praça Vermelha, enquanto Mi-8s, acompanhados por Mi-26s, amplamente utilizados em operações mundo afora, começaram o "desfile aéreo". Esses veículos foram seguidos por um esquadrão de Mi-28s ("Caçadores Noturnos"), que podem realizar missões de batalha, enquanto voam em alta velocidade e altitudes baixíssimas.

Outros equipamentos de peso da indústria de helicópteros russos, o Ka-52 também voaram ao longo da apresentação.

Logo em seguida, o maior jato de transporte aéreo estratégico do mundo, o An-124 Ruslan (Con-

dor), sobrevoou Moscou acompanhado por várias aeronaves especializadas em alerta e controle aéreo A-50 (Mainstay).

Os principais caças de combate da Rússia, o MiG-29, o So-30SM e o Su-35S, participaram da fase final do desfile aéreo - com destaque para seis jatos Su-25 encerrando o show ao desenharem a bandeira russa com rajadas coloridas de fumaça.

A previsão é que o desfile militar tradicional ocorra no final do ano, depois que a pandemia cessar. Todos os milhares de soldados escolhidos, acompanhados pelos equipamentos militares, marcharão por Moscou. As pessoas, como em todos os anos anteriores, poderão acompanhar o desfile pelas ruas, tirar fotos e comemorar com os veteranos da Segunda Guerra Mundial e o 75º aniversário da vitória sobre os nazistas, informou o site Russia Beyond.

O presidente Vladimir Putin depositou flores na Chama Eterna, no centro de Moscou.

mantendo as medidas de distanciamento social necessárias para achatar a curva de contágio, quando não se tem nem vacina nem tratamento para a Covid-19, estão sob pressão do governo Trump e seus esbirros.

Pressão que foi Trump quem deu o tiro de largada com sua tuitada de "libertem" os estados da quarentena, depois reforçada com declarações de que a culpa era dos governadores que haviam ido "longe demais".

Pressão que não é apenas sobre os governadores democratas, mas também sobre governadores republicanos que não se submetem à versão, no terreno da biologia e da medicina, de asneses assemelhadas ao terraplanismo.

Esses grupos de bate-paus, que inclusive vêm hostilizando os trabalhadores da saúde, se tornaram uma seita de culto à morte, com a vida dos cidadãos norte-americanos em jogo, para que não pare a roleta de Wall Street.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

Devido à Covid-19, o Dia da Vitória neste 75º aniversário da rendição do comando nazista foi celebrado no 8 Maio com oferendas de flores e voos de aeronaves nos céus da Europa

Em meio à luta unificada contra a pandemia do coronavírus, a Europa comemorou nesta sexta-feira, 8 de maio, o 75º aniversário da vitória sobre o nazifascismo com o fim da Segunda Guerra Mundial, que custou 60 milhões de vidas no mundo todo.

Respeitando as medidas de isolamento social, a população e as autoridades substituíram as históricas e festivas concentrações que celebram, ano a ano, o dia em que o comando nazista assinou a rendição em 1945, por oferendas de flores ou voos de aeronaves sobre as principais cidades europeias.

No Reino Unido, o primeiro-ministro Boris Johnson leu um poema homenageando as "conquistas e sacrifícios" dos mais de 380 mil soldados britânicos que tomaram na frente de batalha e aos mais de 70 mil civis mortos pelos bombardeios nazis. "Somos um povo livre por tudo o que fizemos nossos veteranos. Por isso lhes oferecemos nossa gratidão e uma solene promessa: os recordaremos sempre", sublinhou. Numa corrente de fé e esperança, milhões se uniram em um minuto de silêncio e, em quarentena, também recordaram as mais de 30 mil vidas levadas pela Covid-19.

Arede BBC fez uma transmissão especial do discurso do primeiro-ministro Winston Churchill, que dirigiu a luta da Inglaterra durante a Guerra. A população fez dois minutos de silêncio e foi convidada a brindar enquanto o discurso era transmitido. A soprano Katherino Jenkins fez uma apresentação desde o Royal Albert Hall, retransmitida por televisão, e diante de um auditório vazio.

A televisão também exibiu o discurso da vitória feito pelo rei Jorge VI e imagens de sua filha Isabel, com 19 anos, aprendendo a dirigir caminhões militares, quando formou parte do corpo de voluntários do Serviço Territorial Auxiliar.

Na Escócia, o Grupo Acrobático da Real Força Aérea, os Red Arrows, marcou os céus com uma estrela azul, vermelha e branca no Parque de Saint James.

Em Paris, o presidente Emmanuel Macron depositou uma coroa de flores na estátua do general De Gaulle e destacou a sua contribuição à luta para derrotar o nazismo. Em

seguida participou da cerimônia em homenagem ao 8 de Maio no Arco do Triunfo, onde reaceitou simbolicamente a "chama eterna". Entre os poucos presentes, respeitando as distâncias de segurança, o primeiro-ministro Edouard Philippe; a ministra do Exército, Florence Parly e a secretária de Estado, Geneviève Darrieussecq, os presidentes do Senado e da Assembleia Nacional, Gérard Larcher e Richard Ferrand, e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo.

Milhares de franceses também penduraram a bandeira do país em suas janelas e varandas, participando da homenagem sem descumprir o pedido presidencial para ficarem em casa. A pandemia impediu a viagem que Macron faria a Moscou, onde a vitória se comemora um dia depois. O encontro com Putin teve que ser feito em uma longa chamada telefônica.

"ALEMANHA LIVROU-SE DO NAZISMO EM 8 DE MAIO", DIZ STEIEIMER

Na Alemanha, a chanceler federal Angela Merkel, acompanhada pelos representantes do Estado, o presidente, os líderes do Parlamento e o titular do Tribunal Constitucional, depositou uma coroa de flores no Portão de Brandeburgo, no centro histórico de Berlim, para homenagear as vítimas da guerra.

Em discurso, o presidente Walter Steinmeier lembrou a data como o momento em que seu país se libertou do nazismo. "A memória não é uma vergonha, o negacionismo sim é uma vergonha", afirmou e lembrou o juramento feito após o fim da guerra na Alemanha: "Nunca mais." "Em nenhum outro lugar, essa frase é mais significativa do que na Europa. Precisamos manter a Europa unida", disse. Steinmeier alertou ainda que, se essa premissa não for cumprida, "também durante e após esta pandemia", os alemães não serão dignos do 8 de maio.

"Se a Europa fracassar, fracassará também o 'nunca mais'", disse o presidente, destacando que, após a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha se transformou de uma ameaça à ordem mundial a um incentivador dela. "Não podemos permitir que essa ordem mundial de paz se desmanche diante de nossos olhos."

"Meu avô morreu por acreditar nas mentiras de Trump sobre a Covid-19", denuncia a atriz Holly Marie Combs

A atriz Holly Marie Combs é mais uma estadunidense mobilizada contra as mentiras do presidente Donald Trump sobre o coronavírus: "Você é uma desgraça para a raça humana".

"Meu avô morreu hoje. Ele votou em você. Ele acreditou quando você disse que esse vírus não era pior que uma gripe. Ele acreditou em todas as mentiras que você disse. Ele morreu hoje de Covid-19, um dia depois do seu 66º aniversário de casamento", explicou a atriz, popular por ter estrelado a série "Charmed", em sua rede social.

Na mensagem, Combs recordou que o avô era eleito do Partido Republicano e acreditava na palavra de Trump. No início de março, o presidente dos EUA havia declarado que o vírus não seria tão perigoso quanto uma gripe, a "gripezinha" que Bolsonaro repetiria no Brasil.

"No ano passado, 37.000 americanos morreram da gripe comum. Tem uma média entre 27.000 e 70.000 por ano.



Holly Marie Combs

Nada fica fechado, a vida e a economia continuam. Neste momento, existem 546 casos confirmados de coronavírus, com 22 mortes. Pense nisso!", escreveu Trump no dia 9 de março. Mas a realidade se impôs e já no final do mês, ele precisou voltar atrás, dizendo que era "mais cruel".

Combs sublinhou que não aceitava a tentativa do presidente estadunidense de minimizar os efeitos do coronavírus e que estava indignada com os defensores de Trump.

A República e a formação do caráter nacional - (5)

Continuação da edição anterior

Hoje, existe gente muito ignorante – ou preconceituosa – acusando Caxias por ter derramado sangue que ele não derramou. Naquela época, a crítica era porque ele não gostava de ver derramado o sangue de seus soldados. Pelo menos era uma crítica a algo real

CARLOS LOPES

importante, para o tema deste trabalho, é como a Guerra do Paraguai transformou a mentalidade dos que lá combateram – e dos que por aqui ficaram, esperando o fim de uma guerra que parecia interminável, algo que surgirá, bem depois, em uma das principais obras da nossa literatura, **“O Continente”**, primeira parte de **“O Tempo e o Vento”**, de Érico Veríssimo, na longa espera de Bibiana Terra Cambará e sua nora, viúva e com câncer, Luzia Silva Cambará, neta do nordestino Aginaldo Silva, que edificou o Sobrado. Existe, desde a época da guerra, uma vasta literatura de crítica a Caxias por, após sua chegada ao Paraguai, ter paralisado as ações bélicas durante 14 meses.

Os primeiros ataques a essa decisão de Caxias partiram de um jornal inglês, publicado no Rio de Janeiro, o **“Anglo-Brazilian Times”**, repercutido, em seguida, pela imprensa dos liberais.

Era uma campanha aberta pela destituição de Caxias – como, aliás, afirma um dos participantes dessa campanha, o então liberal, e oficial no Paraguai, Anfrísio Fialho, em suas **“Recordações”**, publicadas em 1885 (v. página 54 e seguintes).

Depois, essa decisão de Caxias foi atacada por ex-oficiais estrangeiros do exército de Solano López, o inglês George Thompson e o prussiano Max von Versen – é verdade que, ambos, caídos em desgraça por não acompanharem López na decisão de prolongar a guerra, como se o Paraguai fosse uma extensão de sua própria pessoa.

Escreveu George Thompson: *“... Caxias não fez nada em 15 meses”*; e, mais adiante, para rebaixar Caxias, eleva Mitre à condição de gênio militar, algo que nem o próprio presidente argentino jamais pretendeu (sobretudo após o desastre em Curupaiti): *“Caxias não só havia aceito e ordenado a retirada da esquadra, mas insinuava ou propunha, que o exército abandonasse as posições conquistadas de Tuyucúé. O general Mitre lhe demonstrou que isto seria a vergonha e a derrota, e conseguiu também fazê-lo desistir”* (cf. Thompson, **“La Guerra del Paraguay”**, Imprenta Americana, Buenos Aires, 1869, pp. 215 e 243).

Quanto ao prussiano, temos uma catadupa de ditos anti-Caxias. Por exemplo:

“Assim o Marquês de Caxias (...) escolheu-se, em completa inação”; ou “contando com a morosidade do Marquês de Caxias, que sempre desperdiçava tempo antes de arriscar qualquer ação importante, etc.”; ou “aproveitando a imperícia do Marquês de Caxias, que lhe dava tempo suficiente, Lopez mandou construir, etc.” (cf. Max von Versen, **“História da Guerra do Paraguai”**, trad. Manuel Tomás Alves Nogueira, ed. Itatiaia/EDUSP, 1976, pp. 88, 139 e 140).

Hoje, existe gente muito ignorante – ou preconceituosa – acusando Caxias por ter derramado sangue que ele

não derramou. Naquela época, a crítica era porque ele não gostava de ver derramado o sangue de seus soldados.

Pelo menos era uma crítica a algo real. Por exemplo, em 1867, Caxias escreve à esposa, D^ª Ana Luísa:

“Já tivemos dois combates parciais, nos quais fomos vitoriosos, mas eles ainda não decidem a guerra, porque o Lopes [sic] não quer me dar batalha em campo raso, e só me espera atrás de suas trincheiras, onde não convém combater, não só porque nossos soldados são pela maior parte recrutados vindos para cá há três ou quatro meses, e tirados dos escravos de má conduta dos quais os senhores se queriam ver livres, como porque seu número não é suficiente para bater os soldados de Lopes, disciplinados enquanto bem fortificados. Apesar de tudo se a Esquadra puder passar o Humaitá, a guerra se acabará muito breve, e, no caso contrário, ela há de ainda durar muito, mas em dada a batalha, ou provado que a Esquadra não pode subir o rio, peço demissão, porque já estou e sou doente. Mas isto não diga a ninguém para não me comprometer. Ai pensam uma coisa muito diferente do que aqui é, as dificuldades são muitas; não há cavalos, não há bois, e o terreno é todo cheio de brejos, lagoas, e matos que ajudam muito a quem o defende...”

“Pelos ordens do dia que vão agora, você verá que nos dois combates que já tivemos perdi muito pouca gente, o que nunca aqui aconteceu até agora. Tenha todo o cuidado no que conversar sobre coisas da guerra, para não me comprometer, e tornar-me ridículo. O Mitre assim que soube que eu tinha marchado com o exército, veio na carreira tomar conta dele, o que eu estimei, por não carregar só com a responsabilidade e poder me safar na primeira ocasião que tiver. (...) Não tenha cuidado da minha sorte, porque Deus é quem diz (eu sou fatalista), se tiver de morrer, hei de morrer estando aqui como lá, há de ser o que Deus quiser; pois estou muito tranquilo e cumprindo sempre o meu dever, não me acusa a consciência eu ter nunca facilitado estas coisas! Quando todos diziam que isto era muito fácil, você sempre me ouviu dizer que era a guerra mais difícil que se podia fazer na América do Sul...” (carta enviada de Tuyucúé, 8 de agosto de 1867, cit. por John Schulz, **“O Exército na Política”**, Edusp, 1994, pp. 65/66, grifo nosso).

Além de marechal, Caxias era senador do Império, membro destacado do Partido Conservador, e, quando assumiu o comando no Paraguai, aos 63 anos, já fora duas vezes presidente do Conselho de Ministros e duas vezes ministro da Guerra.

Os liberais, após a derrubada de seu chefe, Zacarias – substituído, em julho de 1868, pelo chefe dos conservadores, Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí, na



presidência do Conselho -, intensificaram a campanha contra Caxias, acusando-o, primeiro, de postergar a guerra; depois, pela mortandade no Paraguai.

As duas acusações não eram apenas contraditórias. Eram injustas.

Logo depois da declaração de guerra por Solano López, o então ministro da Guerra, o liberal Henrique Beaurepaire Rohan, submeteu a Caxias, então afastado do comando de tropas, quatro “quesitos”. O quarto era:

“Se acha conveniente que os corpos que vão chegando das províncias do Norte sigam imediatamente a se reunirem ao exército em operações, ou se convém antes demorá-los na Corte para serem convenientemente exercitados.”

A resposta de Caxias foi: *“Cumpram-me observar a V. Ex. que estando os corpos muito mal instruídos e precisando de fardamentos, armamentos e equipamentos novos, para poderem entrar em operações de guerra, convirá muito que sejam aqui demorados, enquanto adquirirem a indispensável instrução, principalmente os novos recrutados que se lhes forem incorporando, pois que, em operações de campanha, não há tempo nem meios de poder ensinar paisanos, que, não estando ainda habituados a esses trabalhos, muito o estranharão, e não poderão, talvez, suportar as marchas contínuas, e ao mesmo tempo o afadigoso ensino dos primeiros rudimentos militares”* (citado pelo próprio Caxias, em discurso no Senado, 15 de julho de 1870, **Annaes do Senado do Império do Brasil, Anno de 1870**, Livro 2, p. 95).

Nada disso foi feito ou levado em conta.

Quanto ao comando das tropas brasileiras, que Beaurepaire Rohan queria, desde o início, que fosse de Caxias, o Gabinete colocou obstáculos que impediram a sua nomeação. O resultado foi o pedido de demissão de Beaurepaire Rohan.

Para seu sucessor no Ministério da Guerra, os liberais lá colocaram o único oficial-general do Exército que era inimigo declarado de Caxias.

Nas palavras do próprio Caxias:

“Daí a dois dias apareceu com efeito no Jornal do Commercio a notícia de ter sido aceita a demissão pedida pelo Sr. Beaurepaire Rohan.”

“Para substituí-lo no Ministério da Guerra, foi nomeado o visconde de Camamu. Esta nomeação importava tornar-me impossível para a comissão que se pretendia confiar-me, pois era sabido no exército que o visconde de

“Depois da Batalha de Curupaiti”, do pintor argentino Cândido López, que foi combatente na Guerra do Paraguai. Nas palavras do artista, sobre o quadro acima: “Obedecendo ao toque de retirada, as tropas iniciaram a manobra, sem serem perseguidas. Quando não havia mais nenhum soldado aliado ao alcance dos canhões inimigos, o 12.º Regimento de Infantaria paraguaio saiu das trincheiras para recolher o butim”

Camamu era o único oficial-general do Império com quem eu não entretinha relações. A sua nomeação em tais circunstâncias me pareceu muito significativa, e, pois, continuei na resolução em que estava de não fazer o sacrifício de partir para o Paraguai, não obstante o meu mau estado de saúde.

“Dias depois, o novo ministro da Guerra, para não deixar-me a menor dúvida acerca de sua entrada para o Ministério, chamou para o seu gabinete um oficial-maior da secretaria da guerra que eu havia aposentado, quando fazia parte dos conselhos da Coroa. Despeitado por ter sido a aposentadoria decretada contra a sua vontade, escreveu na imprensa uma série de artigos insultando-me, caluniando-me, bem como ao ministro da Guerra dessa época, publicando até segredos da secretaria. Este ato do visconde de Camamu ainda mais me firmou na resolução em que estava.

“No dia 14 de Fevereiro de 1865, quando me supunha, pelo fato da nomeação do sucessor do Sr. Rohan, dispensado da comissão para que havia sido lembrado, apareceu em minha casa, às 10 horas da manhã, o Sr. presidente do Conselho de 31 de Agosto, o nobre senador pelo Maranhão [Francisco José Furtado, conhecido como Conselheiro Furtado].

“S. Ex. procurava-me pela primeira vez, pois não tínhamos até então as menores relações, conquanto sempre o respeitasse muito. Disse-me S. Ex.: *“Sr. marquês, venho aqui na qualidade de presidente do conselho convidá-lo para aceitar o comando em chefe do nosso exército”*.

“Respondi a S. Ex. o que já tinha comunicado ao Sr. Rohan, isto é, a resolução que eu havia tomado quando ele se retirou do Ministério. Respondeu-me S. Ex. que sabia das minhas desavenças com o visconde de Camamu, mas não as considerava motivos suficientes que me impedissem de servir sob suas ordens.”

O (segundo) visconde de Camamu, José Egídio Gordilho de Barbuda Filho, português de nascimento, ficou conhecido, na história militar, apenas pelo destrambelhado “reconhecimento”, em 1835, que abriu as portas de Porto Alegre para os farroupilhas. À frente de 20 homens, na ponte do Azenha, Camamu fugira de um piquete farroupilha composto por sete homens, deixando um oficial morto sobre o terreno (cf. Augusto Tasso Fragoso, **“A Revolução Farroupilha – narrativa sintética das operações militares”**, Laemmert, Rio, 1938, p. 48).

Não era, portanto, alguém que Caxias pudesse gostar.

Como disse, no Senado:

“Ora, Sr. presidente, o finado visconde de Camamu era um oficial que eu nunca desejei ter sob meu comando. Dirigi por diferentes vezes o exército no Sul e no Norte do Império, e nunca o quis ter como meu subordinado: como, pois, nesta ocasião e lá no último quartel da vida, havia de ir servir sob suas ordens, quando sabia a má disposição que havia da parte dele para comigo, o que se confirmava pela nomeação do seu oficial de gabinete? Poderia eu escrever-lhe cartas reservadas para serem depois publicadas? E a força moral de que eu tanto precisava para o bom desempenho de tão importante comissão poderia subsistir, quando meus subordinados sabiam que eu não podia contar com a necessária confiança do ministro da Guerra, pois era notório no exército nossas desavenças de muitos anos?”

“Não era possível, pois, que eu aceitasse o comando que em tais circunstâncias me era oferecido.

“Em vista da minha recusa, S. Ex., formalizando-se, fez-me a seguinte observação: *‘Atenda que a comissão é militar, e que V. Ex., como militar, não a pode recusar’*.

“Respondi-lhe com toda a calma: *‘Sei que sou militar, e que a comissão é militar; mas eu sou militar que gozo de imunidades, das quais V. Ex. não pode prescindir. Sou senador do Império, e o governo não pode dispor de mim sem licença da câmara a que pertence. Procure, portanto, V. Ex. quem vá desempenhar esta comissão, que para mim se tornou impossível não só pelo mau estado da minha saúde, como por falta de acordo com o ministro da Guerra’*.

“Retirou-se, então, o nobre ministro; e tomou outra resolução” (cf. **Annaes do Senado do Império do Brasil, Anno de 1870, Livro 2**, sessão de 15 de julho de 1870, pp. 96-97).

Porém, depois do desastre de Mitre em Curupaiti, com 4.000 mortos brasileiros, era impossível à monarquia continuar dispensando o maior general brasileiro – não só por sua capacidade militar, mas por ser o de mais elevada autoridade moral.

Também era impossível a Caxias, como disse então à esposa, não aceitar o comando, por pior que fosse a sua opinião sobre aquela guerra, diante de uma iminente catástrofe para o país.

Mas, antes que isso acontecesse, teve que suportar mais algumas afrontas:

“Passaram-se alguns meses; deixou de existir o Ministério do Sr. Furtado; Sua Majestade resolveu ir fazer

uma viagem à província do Rio Grande do Sul, e eu tive ordem para acompanhá-lo. Estava então bem doente; levantei-me da cama para cumprir esse dever. Chegando ao Rio Grande, seguimos para Uruguaiana; ali encontramos já dois generais estrangeiros e um brasileiro, que se disputavam a primazia do comando. Chegando o Imperador, resolveu-se que se apertasse o cerco para apressar-se a tomada da praça, e que se dispusesse o ataque para daí a alguns dias, fazendo-se antes um reconhecimento. Foram convidados os generais estrangeiros, que nunca tinham pisado aquele solo, e alguns outros generais brasileiros; mas eu fui excluído de assistir ao reconhecimento, eu, senhores, que tinha por duas vezes presidido a província do Rio Grande, que outras tantas vezes havia feito a guerra naquelas regiões e, portanto, até estado acampado nesse mesmo lugar e, como presidente [da província], havia muitos anos mandado traçar o plano da povoação! Doeu-me sobremaneira um tal procedimento; mas resignei-me...” (cf. **idem**, p. 97).

Não é possível atribuir essa exclusão aos generais argentinos – ou uruguaios. Nem a outros generais brasileiros. O ministro da Guerra – que não era mais o visconde de Camamu, mas Silva Ferraz – não era um amigo de Caxias. Mas é óbvio que Pedro II, no mínimo, concordou com a exclusão de Caxias, que estava em Uruguaiana como “ajudante de campo” do imperador. Para confirmar que a afronta partia de Pedro II ainda há outro elemento: a concessão do título de Barão de Uruguaiana v. o livro de um bajulador de Pedro II, tão bajulador que torna-se muito enjoativo, mas com algumas informações interessantes: Gervasio José da Cruz, **“Uma página memorável da história do reinado do senhor Dom Pedro II, defensor perpetuo do Brasil”**, Typ. Perseverança, Rio, 1865).

Porém, após a sangueira em Curupaiti, o próprio Zacarias procurou Caxias e ofereceu-lhe o comando das forças brasileiras (o comando geral das tropas da “Tríplice Aliança” permaneceu com Bartolomeu Mitre).

Caxias sabia que o convite vinha de alguém acima de Zacarias – mas preferiu concentrar suas críticas em Silva Ferraz, que fora exonerado do Ministério da Guerra.

Continua no site e na próxima edição